UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

DEPARTAMENTO DE SAÚDE

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

BRUNO SILVA DE SANTANA

TRAJETÓRIA DE UM HOMEM TRANS NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UMA NARRATIVA SUBVERSIVA

Feira de Santana

2017

BRUNO SILVA DE SANTANA

TRAJETÓRIA DE UM HOMEM TRANS NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICANA UNIVERSIDADE PÚBLICA:UMA NARRATIVA SUBVERSIVA

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof.ª Drª Ivanilde Guedes de Mattos (Ivy Guedes)

Feira de Santana

2017

Dedico esta narrativa a *todes* os corpos que já foram linha de frente na batalha da existência. A todas as pessoas trans e travestis que também tiveram suas vidas colonizadas, sua legitimidade questionada e seu sangue derramado. Escrevo por aquelas que não puderam ousar a luz, e para que muitas, muitas outras possam ousar da forma que desejarem. Por Dandara, por Thadeu Nascimento e por tantas outras vidas subtraídas por esse *Cistema*. Pelas diversidades corporais e identidades de gênero que em razão de suas existências, não poderão chegar até aqui. Por todos que ousam ultrapassar as barreiras que lhes foram postas e ditas intransponíveis. Pelas vidas assujeitadas, por *todes* os corpos apagados, por *todes* os desafiadores, por todos que seguem. Resistimos, resistiremos, outras resistirão. Aos nossos corpos, que fomos educados para odiar, que possamos usá-los e ousá-los como resistências e re-existências.

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos amores que caminham lado a lado, fortalecendo, acalentando, e regando com amor cada um dos meus dias: mainha Dona Graça, meu amor Anne Alencar, meu sobrinho Nicolas, minha sogra Marta e meu “cãopanheiro” Nino, grato por fazerem de mim um ser humano melhor.

As redes de afeto e acolhimento que construímos até aqui: Coletivo de Transs pra Frente, Transbatukada e IBRAT, com vocês tem sido mais fácil lutar.

As irmandades de luta e alma: Chico, Tito, Danilo e Herick vocês são incríveis.

Aos amigos do peito que direta ou indiretamente acreditam e me incentivam sempre: Rosana, Henrique, Chris, Suely, Silvia Karla, Ivan, Alê Estrela e Valquíria suas palavras me fizeram mais forte.

Aos colegas de curso que me apoiaram durante a jornada na UEFS: Aila, Rodrigo, Tarciele, Italo, Erica, Nany, Jamile, Taís, Iza, Rose, Lívia, Regiane, Tonhão e Débora a Universidade não seria a mesma sem vocês.

As “crechetes” que tornaram meu estágio na creche ainda mais bonito: Lília, Laíla, Mari, Narah, Sabrina, Jaci, Dionir, Carol, Selma, Dora e Cris, tenho muito amor e admiração por vocês.

Aos Mestres que contribuíram grandemente no meu processo de formação Docente: Elson Moura,Carla Borges, Suzana Alves,Elizabete Barbosa, Ad, Lea Barbetta, William Lordelo, Nathalya, Amanda, Suzi Barboni, Erica Granjeiro, Welington, levarei comigo cada ensinamento.

A Mary, amiga e secretária do colegiado de Educação Física, por todo apoio, conselhos e disponibilidade.

A minha orientadora, professora e amiga que me ensinou o significado da palavra Ubuntu: Ivy Guedes, sou o que sou pelo que nós somos.

Sawabona a *todes* vocês por tudo que compartilhamos e vivemos, pelos afetos, histórias, trocas e conexões de amor e de respeito. Que possamos continuar juntes, construindo mais pontes, abrindo novos caminhos, somando forças.

Figura 01– Princípio da irmandade Ubuntu em uma comunidade sul–africana

Fonte: Google imagens

Eu,
Como ser de muitos séculos,
Como as escritas dos analfabetos,
Escrevendo em mim,
Palavras de liberdade.

Bruno Santana (2005)

RESUMO

Proponho-me através desse trabalho tecer reflexões críticas acerca da Transgeneridade, pensando sobre diversidade corporal e identidades de gênero dentro das aulas de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana problematizando o não-lugar que ocupa a Transgeneridade na formação docente deste curso, bem como a necessidade da Educação Física ampliar seu olhar e perspectivas sobre os corpos, para que se inclua as diversidades corporais e identidades de gênero em suas teorias e práticas. Elaboro essas reflexões (Auto)biográficas a partir a da minha trajetória acadêmica e pessoal enquanto homem trans, apontando (des)caminhos possíveis na construção de possibilidades de diálogos entre a Educação Física e a Transgeneridade.

Palavras-chave: Transgeneridade; Formação docente; Educação Física; (Auto)biografia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Princípio da irmandade Ubuntu em uma comunidade sul-africana	05
Figura 02	Parte do e-mail enviado ao professor.....	23
Figura 03	Desenho que ganhei da minha aluna na creche.....	24
Figura 04	Bruno sendo moleque.....	33
Figura 05	Buck Angel - ensaio nu artístico.....	36
Figura 06	João W. Nery.....	37
Figura 07	Turma de Licenciatura em Educação Física da UEFS, 2013.2.....	39
Figura 08	Ator Morgan Freeman interpretando Nelson Mandela no filme Invictus.....	43
Figura 09	Etapas de transição capilar e de gênero.....	46
Figura 10	Eu e a professora Ivy na apresentação do meu projeto de pesquisa.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CODAE	Coordenação de Assuntos Estudantis
CONSEP	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
FACED	Faculdade de Educação
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersex, Assexuais
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

1.	**INTRODUÇÃO**.....	11
2.	**METODOLOGIA**.....	14
2.1	A OPÇÃO PELO MÉTODO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA.....	14
2.2	ABORDAGEM QUALITATIVA.....	15
3.	**CONSTRUINDO, DESCONSTRUINDO, RECONSTRUINDO E RESSIGNIFICANDO A IDENTIDADE DOCENTE**.....	16
3.1	OS PILARES DE MINHA EXISTÊNCIA.....	17
3.1.1	**Sobre as dores que transformei em combustível para seguir em frente e continuar tentando**.....	18
3.1.1.1	*Entre mães e filhos...*.....	18
3.2	VIDAS TRANS IMPORTAM: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NO CISTEMA EDUCACIONAL.....	21
3.3	EXPERIÊNCIA NA CRECHE.....	24
4.	**INFÂNCIA, CORPO, TRANSIÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA**.....	32
4.1	QUANDO ME TORNEI NEGRO: INTERSECCIONALIDADES E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE RACIAL.....	42
5.	**EDUCAÇÃO FÍSICA E TRANSGENERIDADE: NOVOS OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE DIVERSIDADES CORPORAIS E IDENTIDADES DE GÊNERO**.....	49
6.	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....	54
	REFERÊNCIAS.....	57
	ANEXO A - Ofício de solicitação de nome social.....	61
	ANEXO B - Resolução CONSEPE nº 015/2015.....	62

1. INTRODUÇÃO

> Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo,
> para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.
> Glória Anzaldúa (2000, p.232)

Escrever sobre si é revisitar memórias, reviver sensações, perceber-se no aqui e no agora. Enquanto penso de que maneira devo contar a minha história nessas páginas em branco, revisito minhas memórias em busca de partes de mim que estavam adormecidas, empoeiradas, mas que são tão cheias de potência que contribuíram significativamente para aquilo que sou hoje.

E nesse exercício da memória, vou recordando aos poucos dos meus escritos poéticos que me acompanham desde a pré-adolescência. É desse tempo-espaço que faço minhas premissas mais inquietantes e na escrita eu vou me tecendo... Escrever poemas também foi uma das janelas que se abriram para que eu pudesse experimentar a melhor das sensações: a liberdade. Colocar no papel meus sentimentos, surgiu como uma possibilidade terapêutica, uma forma de me perceber sujeito pensante no mundo. Pensava comigo: escrever é se fazer eterno na vida. Quando eu não mais existir, outros poderão me revisitar através dos meus escritos. Assim estarei sempre vivo na memória daqueles que me leem. Dessa forma, quero tecer minhas narrativas e histórias de vida em diálogo com o meu fazer poético que diz tanto sobre minha subjetividade e da forma como vou me construindo e desconstruindo continuamente para continuar coexistindo. Fazendo também dessa narrativa de mim um ato de tensionamento e resistência a essas produções de saberes hegemônicas que costumam não valorizar as produções pautadas nas experiências ou escritas de si.

Tudo isso sem perder o caráter científico que permeia toda e qualquer pesquisa acadêmica, fazendo-me simultaneamente sujeito investigador e objeto de investigação (por isso o uso da narrativa em 1ª pessoa) analisando a minha trajetória de vida o acúmulo de conceitos teóricos que fiz nesse mesmo percurso através de delineamento metodológico que mais me liberta do que engessa.

Ao ingressar na universidade minhas primeiras impressões se deram a partir dos colegas, professores e da estrutura curricular, com o passar do tempo, através dessas relações vou construindo um novo lugar na minha vida.Sobre chegar até aqui, momento ímpar da minha formação onde precisava definir o objeto de pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso, e com toda experiência vivida e concedida nesse corpo transgressor, farei dessa experiência a produção textual como exigência formativa. Mas, certo de que essa escrita terá mais de mim do que a academia me proporcionou.

A partir da minha trajetória pessoal, acadêmica, política e profissional enquanto homem transe graduando no curso de Licenciatura em Educação Física, que surge o interesse em discutir a temática central dessa pesquisa, em que teço uma reflexão crítica acerca da Transgeneridade[1], pensando sobre diversidades corporais e identidades de gênero dentro das aulas de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Proponho-me através dessa narrativa problematizar o não-lugar que ocupa a Transgeneridade na formação docente do curso de licenciatura em Educação Física da UEFS. A categoria Transgeneridade refere-se as identidades de gênero daquelas pessoas cuja a experiência subjetiva de gênero não corresponde ao gênero atribuído ao nascimento(LANZ,2014; JESUS, 2012).

Um dos motivos que me fizeram realizar esse tipo de pesquisa é que a (auto)biografia ainda é pouco utilizada em diálogo com a Educação Física, assim como o tema da Transgeneridade não tem sido explorado nesse campo de conhecimento. A partir disso, reflito como esses processos de exclusão e marginalização tem impactos significativos no meu processo de formação docente. Ao narrar minha trajetória enquanto homem trans em um curso que se debruça acerca dos elementos da cultura corporal humana, eu convido a Educação Física a pensar o corpo trans como possibilidade de existência em suas teorias e práticas.

Para desenvolver o percurso dado pelas minhas intencionalidades, esta narrativa está sendo dividida em três capítulos: 1) Construindo, desconstruindo, reconstruindo e ressignificando a identidade docente;2) Infância, corpo, transição e

[1]A Transgeneridade ainda é considerada pelos cânones da medicina e da psicologia como uma doença e ainda é classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um transtorno mental e comportamental (OLIVEIRA, 2014).

Educação Física, 3) Educação Física e Transgeneridade: Novos olhares e perspectivas sobre diversidades corporais e identidades de gênero.

A relevância dessa pesquisa se dá na medida em que os contextos educacionais por medidas legais e não legais se veem frente ao surgimento de novos atores sociais. Desse modo, o tema em questão é de grande relevância, para difundir o conhecimento acerca das identidades de gênero, nos espaços acadêmicos e na sociedade como um todo, permitindo assim, ampliar as discussões no campo da educação e em especial na área da Educação Física, visando combater as desigualdades, violências e exclusões cometidas as populações trans nos espaços formativos. Esta pesquisa busca, também, problematizar o *Cistema*[2] educacional universitário pautado na perspectiva Cisheteronormativa[3]de educação a partir da minha trajetória acadêmica e pessoal enquanto homem trans.

[2] Segundo Viviane Vergueiro (2015, p.225) “Cistema: uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante”.

[3]Cisheteronormatividade: categoria que estabelece compulsoriamente a cisgeneridade e heterossexualidade como normalidade entre as pessoas na sociedade, descartando aquelas pessoas que se comportam de maneira divergente (LANZ, 2014; VERGUEIRO, 2015).

2. METODOLOGIA

> A “escolha” de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas\os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isso, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas\os” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou.
>
> Corazza (2002, p.124)

2.1 A OPÇÃO PELO MÉTODO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

Utilizo a metodologia de pesquisa (auto)biográfica para fundamentar a minha escrita, visto que ao contar a minha trajetória de vida, por meio das narrativas de mim, estarei buscando respostas as minhas inquietações apresentadas como problemáticas dessa pesquisa e também como forma de tensionar e resistir as produções de saberes hegemônicas que costumam não valorizar as produções pautadas nesse tipo de escrita. Nesse sentido acredito que o método autobiográfico ao passo que se contrapõe as limitações epistemológicas dominantes pode possibilitar que existam diversidade de vozes subalternas podendo falar de si mesmas dentro da academia, construindo outras possibilidades emancipatórias de produção de conhecimento.

Segundo Santos e Garms (2014, p.4099) as narrativas (auto)biográficas implicam em uma “[...] forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação.” Dessa forma, me faço sujeito, participante e protagonista de todo o processo de reflexão, na busca da compreensão do fenômeno estudando, sendo ator e autor da minha própria história nesse movimento de investigação-formação.

A utilização do método autobiográfico é importante nas pesquisas que envolvem educação, tanto na formação inicial quanto na continuada de professoras e professores. Servindo como método, técnica ou técnica e método, essa abordagem, também denominada história de vida, pode variar dependendo do

contexto e campo de atuação onde está inserido cada indivíduo envolvido na pesquisa. (SOUZA, 2007).

Também destaco a relevância dessas discussões existentes no campo de pesquisa Autobiográfica nas áreas de educação como possibilidade para ampliar questões teórico-metodológicas, relacionadas ao campo da produção dando visibilidade para outras fontes e possibilidades dentro das pesquisas.

Em diálogo com Santos e Garms (2014, p.4098):

> [...] as narrativas (auto)biográficas se constituem instrumentos de investigação profícuos também para a análise da questão de formação de professores, pois a subjetividade das narrativas individuais (singulares) pode evidenciar o que ocorre no plano social.

Portanto reafirmo a utilização do método (auto)biográfico como opção metodológica na presente pesquisa, por possuir potencial investigativo sobre o processo de formação, possibilitando analisar a realidade evidenciada através das minhas narrativas, entendendo sentimentos e representações, apontando novos caminhos e contribuindo na construção de novos conhecimentos.

2.2 ABORDAGEM QUALITATIVA

Deslandes (1994, p. 16) conceitua a metodologia como sendo “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, Será por meio desse caminho de pensamentos e reflexões, com os olhos voltados para a realidade social que proponho investigar a temática central dessa pesquisa. O contexto em que as produções acadêmicas nas ciências humanas estão localizadas levam a abordagem qualitativa como posicionamento diante dos dados apresentados. Para Minayo (2007, p.57):

> O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Assim, respaldado na pesquisa qualitativa, levando em consideração essas percepções, interpretações, que pretendo refletir ao narrar a minha trajetória de vida, sobre o lugar do corpo trans nas aulas de Educação Física da UEFS.

3.CONSTRUINDO, DESCONSTRUINDO, RECONSTRUINDO E RESSIGNIFICANDO A IDENTIDADE DOCENTE

Reflito constantemente nos processos e experiências internas e externas, vividos dentro e fora da Universidade, que tem me ajudado a construir, desconstruir e reconstruir de forma significativa minha identidade docente e profissional, ao passo em que vou caminhando pela graduação em Licenciatura em Educação Física, me apropriando do conhecimento epistemológico, desses saberes produzidos historicamente pela humanidade e que também são essenciais para minha formação docente. Contudo, vou percebendo como as “situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam uma vida, das pessoas significativas da família, de acontecimentos pessoais e sócio-históricos” (JOSSO, 2002, p.48) são fundantes nesse percurso de graduação, pois me ensinam a repensar sempre minha prática docente, a projetar ações pedagógicas futuras no campo de atuação que proporcionem transformações concretas no contexto educacional e na sociedade. Ingressar em uma instituição pública de ensino superior em meio às condições econômicas de vida, não foi somente uma conquista pessoal, mas também, uma forma de dar um retorno positivo para aquela que sempre me incentivou a estudar, acreditando que somente por meio da educação poderíamos transformar a realidade social em que estamos inseridos. Minha mãe, mesmo não tendo tido acesso a formação superior, é umas das grandes influências na escolha da minha profissão, nesse meu querer tornar-se professor, ser esse agente transformador, e poder contribuir na formação humana das pessoas. Ela é uma das partes integrantes que compõem essas histórias, experiências de formação e narrativas de vida.

A construção da minha identidade pessoal, profissional e docente, se dá nas relações sociais, no convívio coletivo com os outros e com o mundo, nas ruas, nas relações estabelecidas com os meus professores desde o período escolar, no movimento social ao qual estou inserido, na luta pela igualdade social e de gênero, no convívio com aqueles que estão as margens da sociedade, populações de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersex, Assexuais (LGBTQIA+), negras, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, na medida em que vou experimentando e vivenciando situações de vida que também é “ uma certa maneira de contar de si mesmo a sua própria história, as suas qualidades pessoais e

socioculturais, o valor que se atribui ao que é vivido” (JOSSO, 2002, p34) e que trago comigo, tudo isso vai sendo somado aos novos saberes adquiridos durante a formação, e sobretudo, essas experiências de vida tão potentes, ressignificam ao meu olhar sobre a docência, contribuindo para construção, desconstrução e reconstrução identitária carregada de subjetividades e singularidades.

3.1 OS PILARES DE MINHA EXISTÊNCIA

Sinta a dor, construa pontes sobre ela.
Não deixe ela te imobilizar.
Não deixe ela te dominar.
Bruno Santana (2015)

Sigo meu caminho, desbravando lugares ditos intransponíveis. Não é fácil ir na contramão da via, nadar contra a corrente que há muito determinava o curso do rio. Mas é necessário desengessar, quebrar ferrolhos:

> [...] todas são as linhas formadoras do inusitado labirinto, criado pelo ato subversivo pós-moderno/pós-estruturalista de destrancar da pesquisa seus ferrolhos, deixados de herança pela teorização moderna (CORAZZA, 2002, p.109).

Ao fazer essa travessia, na busca pela minha verdade, ao passo que vou construindo minha identidade, vou me despindo... Deixo cair as máscaras que já não se fazem mais necessárias. Vou deixando pela estrada tudo aquilo que me foi depositado: normatizações, pré-conceitos, modelos hegemônicos. Obviamente que não sem dor, afinal toda mudança é suscetível de prazer e desprazer e comigo não foi diferente. Ainda que disposto a levar comigo apenas aquilo que me faz mais forte, devo reconhecer que algumas ainda são latentes e que me levam ao exercício cotidiano da sublimação. Autores como Stuart Hall (1997) e Corazza (2002) são suportes teóricos importantes na construção dessa produção. Segundo Hall (1997) nossas identidades são formadas culturalmente, por meio de experiências singulares, circunstancias de vida, subjetividades, historias e sentimentos acumulados através do tempo.

É doloroso romper o casulo, e ter de cortar sozinho o próprio cordão umbilical. Sei que estou no caminho certo. Certo, porque não deixo que ninguém o faça por mim. Certo, porque o construí na luta, com sangue, pele e ossos. Cada vez que avanço na travessia vou me distanciando do laço materno que sempre me amparou, não poderia falar de mim sem falar da pessoa que me gestou, do meu primeiro amor, da guerreira que me protegeu e guiou muitos dos meus passos até agora. E que mesmo sem se dar conta da sua importância em minha vida, me ensina todo santo dia a continuar seguindo em busca da minha verdade. Eis aqui, um dos principais pilares de minha existência.

Porém, por mais doloroso e solitário que essa viagem possa ser, entre o existir e o reexistir, construo-me e me reconstruo todos os dias. E, de uma maneira linda, sinto toda a minha existência deitada na realidade, sei quem sou. E sigo, celebrando no banquete da própria existência.

3.1.1 Sobre as dores que transformei em combustível para seguir em frente e continuar tentando

3.1.1.1 Entre mães e filhos...

Tenho poucas lembranças de infância com minha mãe. Ela sempre labutou muito, desde cedo, agreste e de poucas palavras, nunca foi de expressar sentimentos, nem distribuir afetos...

Por vezes me pergunto: onde estão suas emoções, seus sonhos, seus medos? Ainda espero por esse afeto materno, que eu jurava que toda mulher tinha, pois este sempre foi o ideal de maternidade construído socialmente, e isso provoca em mim reflexões sobre as ausências de minha mãe em mim. Como bem nos mostra Tourinho (2006, p. 08):

> O conceito de amor materno foi assimilado de forma contundente, e por muito tempo não questionável como se fosse uma situação “sinequa non”: mulher = maternar. Afirmava-se que a necessidade de maternagem é uma característica universal feminina, fazendo-a parecer um dom, um sentimento instintivo e estritamente biológico que todas as mulheres vivenciariam independentemente da cultura

> ou da condição sócio-econômica: pré-concebido, pré-formado, esperava-se apenas a ocasião para exercê-lo, sofrendo-se quando a oportunidade tardava.

Desloco-me para poder me colocar em seu lugar, e me dou conta de como todos esses atravessamentos deixaram marcas na nossa relação, e o quanto deve ter sido difícil e doloroso para ela ter de sair tão precocemente de casa aos 14 anos para, como dizem os mais velhos, “ter que se virar na vida” muito nova. Minha mãe é uma das caçulas de 20 irmãos. Minha falecida avó teve 21 filhos, todos nascidos de parto normal. Minha mãe nasceu em uma casa de farinha na zona rural da cidade de Serrinha, na Bahia, em 1954. Ela não é de contar muito sobre suas histórias de vida, nunca tivemos diálogos amigáveis, o pouco que sei sobre esse período é fruto de suas conversas com minhas tias, quando estas vinham nos visitar em algum final de semana e acabavam por relembrar esses momentos em família, depois de falarem sobre tudo e todos. Suponho o quanto foi difícil não ter tido momentos de afetos mais presentes. Na família de minha mãe, era comum os adultos trabalharem na roça e as filhas mais velhas assumirem o papel de cuidadoras da casa e dos irmãos mais novos. Nesse caso, quem tomava esse posto era minha tia Maria do Socorro.

Mas, ainda que poucas vezes, lembro de minha mãe falando sobre o quanto eram divertidos os momentos de refeições em família, onde todos sentavam juntos à mesa, sempre nos mesmos horários, para compartilhar os alimentos colhidos e também as dores e alegrias. Era sempre o mesmo ritual, todos calados esperando o comando do mais velho, nesse caso o patriarca, meu avô, que fazia a oração agradecendo pela vida e pelo pão de cada dia. Sinto prazer em recordar essas histórias de família contadas a mim, que vão me marcando e permanecem vivas em minha memória.

Dentre os autores que discutem o conceito de memória, trago Halbwachs (1990) que apresenta dos tipos de memória: a individual e a coletiva. Trazendo a memória individual como sendo a percepção que o indivíduo tem sobre suas lembranças, e a coletiva como sendo aquela organizada e construída dentro de um grupo, destacando que uma constitui-se da outra. Reescrevo minhas memórias, entendendo que essas lembranças, foram e são construídas a partir das lembranças de outros, de momentos vividos e compartilhados coletivamente. Essas experiências

tão peculiares, me tocam profundamente, ao passo que humanizam, também salvam de momentos solitários.

Os almoços de domingo, as reuniões em família eram para matar a saudade dos parentes mais distantes, sanar desentendimentos e comemorar as poucas alegrias diante da vida difícil que levavam, intensificando ainda mais esses laços. Foi nesses almoços, entre brigas e sorrisos, que minha mãe construiu muitas de suas histórias de luta e sofrimento. Essas poucas memórias que tenho desse período da vida de minha mãe só reforçam a minha gratidão por essa mulher, e pelos ensinamentos incutidos em mim através da sua existência. Nunca conheci pessoa mais corajosa e forte como minha mãe. Eu nunca disse a ela o quanto eu a amo e admiro por ela ter criado sozinha a mim e meu irmão; não faço ideia do quanto ela precisou lutar para que hoje eu pudesse estar aqui, escrevendo essa “Narrativa de Mim”.

Minha mãe casou-se nova aos 14 anos, com um homem mais velho. Esse casamento durou pouco mais de dez anos. Tempos depois, conheceu outro homem com o qual conviveu o tempo suficiente para conquistar seu maior sonho: ter um filho. Foi assim que ela me concebeu aos 35 anos, em meio a uma gestação de risco, pois teve algumas complicações durante a gestação: cisto no ovário e eclampsia, precisando ficar internada no hospital do terceiro ao quase oitavo mês quando enfim deu a luz. Essa senhora nunca passou muito tempo na companhia de uma figura masculina, como ela mesma diz: “minha vontade mesmo era ter um filho, não queria conviver com homem nenhum”.

Numa tentativa amorosa, ela engravidou do meu irmão, e esse período foi marcado por sorrisos e lágrimas, por conta das agressões que sofria desse homem, o que deixou sérias marcas físicas, psicológicas e emocionais. Hoje com mais consciência política avalio a situação por outra ótica e como diz Ritt, Cagliari e Costa (2008) a predominância de valores masculinos fundamentadas nas relações de poder e pelo patriarcado, atuam como mecanismos de controle social, oprimindo e marginalizando as mulheres. Essa dominação exercida pelo homem sobre a mulher segue marcada por violências físicas e psicológicas, colocando a mulher numa posição mais fraca, incapaz de reagir diante da violência sofrida.

Como disse as histórias de vida de minha mãe sempre foram marcadas pelo sofrimento e luta. Mas eu não me recordo de tê-la visto desistir. Ela sempre

acreditou em si mesma, sempre lutou pelos seus ideais. Aí está a minha maior inspiração no mundo. Nunca consegui entender de onde vem a força de superação da Dona Maria das Graças, uma senhorinha serrinhense de 62 anos, que carrega tanta luta e tantos ensinamentos. E toda vez que eu vejo seu rosto cheios de rugas, expressões, e traços envelhecidos indicando o trabalho do tempo, dou-me conta do quanto existe força, beleza e coragem naquele corpo cheio de significados e resiliências.

3.2 VIDAS TRANS IMPORTAM: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NO CISTEMA EDUCACIONAL

Sociedade o que fizemos para merecer sua Transfobia?
Sabia que o meu amigo Têu tinha sonhos?
Ele queria ser **Professor de Educação Física,**
Estava super feliz com as mudanças corporais.
Que ódio é esse que tem ceifado nossas vidas?
A normatividade tem nos exterminado.
O que faremos para que sua morte não seja em vão?
Justiça para nosso irmão!!Vidas Trans Importam!!
Em memória ao amigo Thadeu Nascimento.
Bruno Santana(2017)

07 de maio de 2017, Salvador, Bahia

Faz pouco mais de quatro horas que recebi a notícia do assassinato de um grande amigo. Homem trans, negro, pobre e candomblecista, ele estava nessa incomoda intersecção entre negritude e Transgeneridade, logo, foi estuprado, espancado, esfaqueado e assassinado com vários tiros na cabeça, seu corpo foi deixado nu e exposto pelo *Cistema* que o exterminou. Mais uma vida é levada pela transfobia[4], machismo, racismo e intolerância religiosa. Falar da morte prematura de Thadeu é falar de desumanizações e brutalizações que cercam a vida dos corpos trans e de gêneros incorfomes, é pensar nas violências que marginalizam e excluem

[4] A transfobia é a manifestação mais grave da capacidade de ódio e violência contra as pessoas trans. Se manifesta de diversas formas e espaços, gerando discriminação, intolerância, segregação, exclusão, violência-real e simbólica (LANZ,2014).

pessoas trans na sociedade e nos *Cistemas* educacionais brasileiros. Ele foi um dos amigos que me encorajava a seguir firme na Universidade e que a minha resistência estava servindo de inspiração pra ele, pois o seu sonho era ingressar no curso de Educação Física.

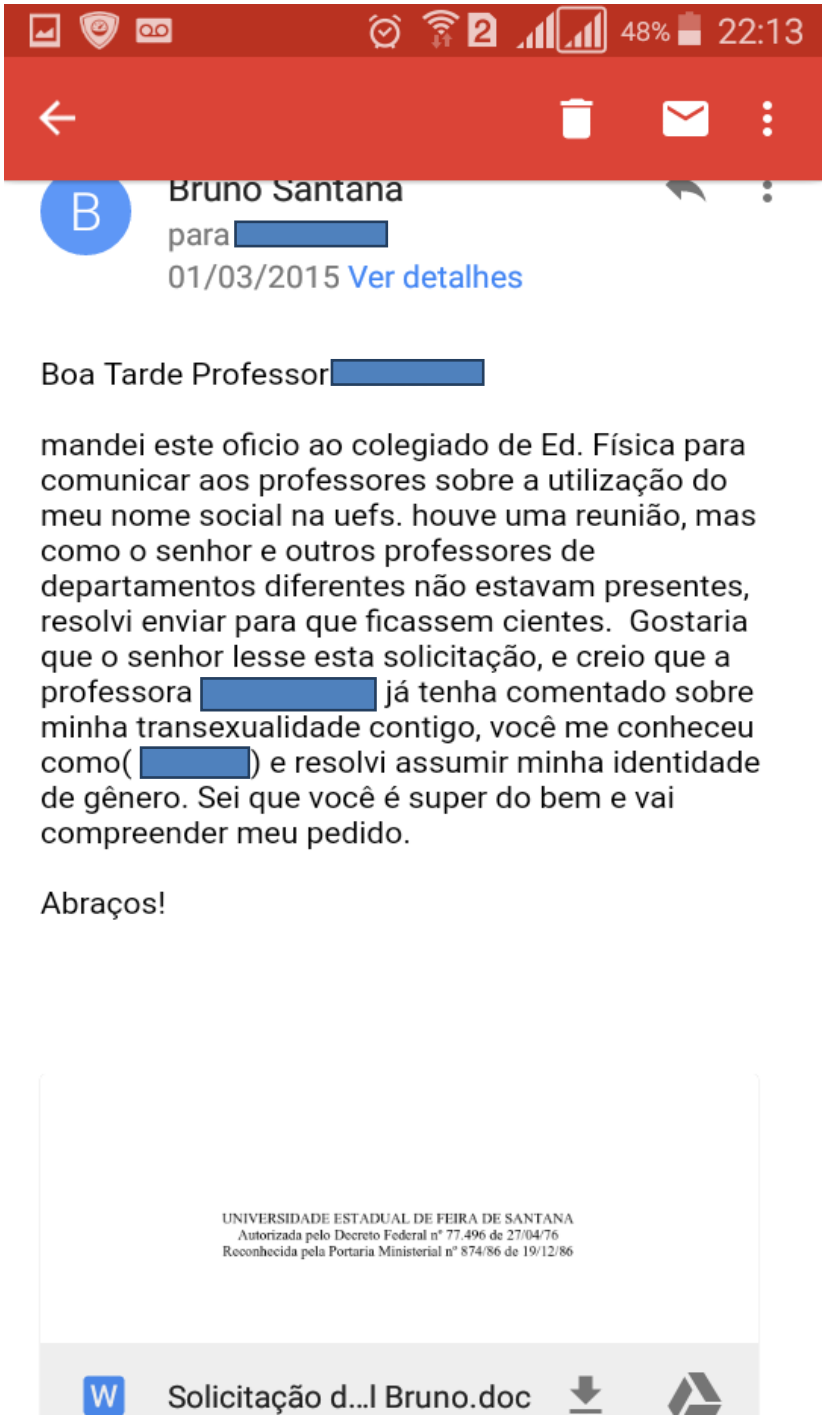
O *Cistema* educacional brasileiro é fundado em exclusões que invisibilizam as diversidades corporais e identidades de gênero, caracterizando as colonialidades cisnormativas de saber, que restringem o acesso e a permanência de pessoas trans na academia, outro desdobramento desse *Cistema* educacional que pode ser apontado, além da produção de discursos que promovem exclusões e invizibilizações, são as produções de determinadas epistemologias pautadas numa perspectiva que exotificam essas corporalidades (VERGUEIRO, 2015). Minha resistência dentro da UEFS como homem trans se dá nesse contexto de exclusões e violências vivenciados dentro das aulas de Educação Física onde por diversas vezes tive o meu corpo negado, deslegitimado, e silenciado pelos professores que em suas práticas pedagógicas legitimavam determinadas identidades e práticas sexuais que se encaixavam dentro da normatividade. O que aponta a grande lacuna existente dentro da formação desses professores. Trago Silvana Goellner (2013, p.36) que mostra a escassez de estudos sobre gênero e sexualidades dentro do campo da Educação Física:

> Do mesmo modo, estudos que tematizem questões relacionadas às homossexualidades ainda são poucos frequentes. Impera, no campo da Educação Física, o princípio da heteronormatividade, praticamente invisibilizando os sujeitos que dele escapam. Ainda são ínfimas as análises que rompam com o binarismo homem\mulher, feminilidade\masculinidade, heterossexualidade\ homossexualidade [...].

A falta de conhecimento sobre questões de diversidade de gênero por exemplo tem levados muitos professores a cometerem equívocos, violências e invisibilizações, dentro das aulas de Educação Física da UEFS. Trago como exemplo, as diversas vezes que precisei mandar e-mails para alguns professores informando sobre a importância do uso do meu nome social em sala, lembro-me de ter escrito um e-mail (Figura 02) e um ofício(Anexo A)bem didático explicando ao meu professor de cinesiologia sobre todo o meu processo de transição de gênero, pontuando o quanto a utilização do nome social em sala evitaria constrangimentos e permitiria que eu tivesse um melhor convívio com a turma e melhor rendimento na disciplina, e sobre a importância de me sentir respeitado e acolhido por ele. Falei

também o que era o nome social, como funcionava, falei das portarias de nome social para pessoas trans da UFBA, e de outras instituições de ensino que já adotavam, busquei pontuar todos os motivos para que aquele docente, exercesse o seu papel como professor e me entendesse como parte daquele processo de ensino-aprendizagem.

Figura 02 - Parte do e-mail enviado ao professor



Fonte: acervo pessoal

Mas infelizmente em todas as aulas da disciplina de cinesiologia, tive meu nome social negado, meu nome de registro exposto, fui motivo de chacotas e como se não bastasse ainda tinha que suportar as piadas e falas machistas, misóginas, e lgbtfóbicas distribuídas pelo próprio professor durante as explicações do seu conteúdo. Esse período foi de muito sofrimento psicológico e de desesperança pra mim, me sentia desmotivado e excluído no espaço em que deveria ser estimulado a aprender, passei a sentar no fundo da sala, deixei de participar das discussões e quando tinha dúvidas elas ficavam comigo, várias vezes pensei em desistir da disciplina, em trancar o semestre e por muito pouco não abandonei a universidade. Todos esses relatos mostram a importância de se discutir gênero e diversidade nas aulas de Educação Física, ampliando o olhar desses professores para a desconstrução de seus pré-conceitos, e a necessidade de investimento em pesquisas sobre essas temáticas, garantindo o respeito e a igualdade de direitos a todas pessoas dentro das aulas de Educação Física.

Mas nem todas as experiências vivenciadas por mim dentro desse processo de formação docente podem ser consideradas negativas. O convívio com as crianças na creche em que estagiei foram um desses momentos de suspiro para continuar seguindo.

3.3 EXPERIÊNCIA NA CRECHE

Figura 03 - Desenho que ganhei da minha aluna na creche

Fonte: acervo pessoal

Esse desenho (Figura 03) é a síntese de todo o trabalho que desenvolvi com as crianças como estagiário de Educação Física na CRECHE-UEFS. Quando recebi da minha aluna esse desenho, entendi que ser professor é também poder criar laços de amor, respeito e amizade com os pequeninos. Naquela manhã quando expliquei para meus alunos da educação infantil que deixaria de estagiar na creche, pude ver nos seus rostinhos o quanto eu faria falta naquele espaço de convivência, sim, a creche se tornou em algum momento esse espaço de trocas, de afetos, de partilhas e também de muita luta e militância. Volto no tempo para recordar o dia em que quase perdi minha vaga de estágio na creche. Mas antes, tenho que contar como se deu o processo seletivo da bolsa acadêmica.

Não é fácil ser trans em nenhum espaço nessa sociedade, muito menos o acadêmico, como já sinalizei algumas vezes durante essa narrativa, no período em que me candidatei para concorrer uma das vagas de estágio para a creche , eu ainda morava com minha mãe, nesse período nossa relação já estava bem conflituosa por conta do meu processo de transição e percebi que a bolsa poderia ser uma forma de conquistar uma certa “independência financeira temporária” visto que a contratação era de um ano, podendo ser renovada para mais um, o que possibilitaria dividir um aluguel. Decido correr esse risco, sobretudo por que não dava mais para aguentar os conflitos que estava passando dentro de casa. Fiz a inscrição pelo site da Universidade, e comecei a estudar para a prova que seria na semana seguinte. O primeiro entrave a aparecer foi a questão do nome, embora ainda sem aprovação do nome social pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEFS (CONSEPE) eu não tinha nenhuma resolução que pudesse minimizar o constrangimento de ser chamado pelo nome de “registro” que não condizia com minha identidade de gênero. Mesmo assim, precisava me submeter a mais uma vez ter minha identidade de gênero questionada ou até mesmo anulada para poder acessar uma política pública de permanência estudantil. Na semana seguinte me dirigi ao local da prova, que seria aplicada por uma das coordenadoras pedagógicas da creche, sala cheia, majoritariamente composta por mulheres Cis[5] do

[5]A palavra Cisgênero ou Cis, refere-se à identidade de gênero das pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi imposto ao nascimento. (JESUS, 2012).

curso de pedagogia, com exceção minha e de um colega Cis do curso de Educação Física. Fui caminhando em direção ao fundo da sala, e como já não bastasse o desconforto do binder[6] e dos olhares das pessoas que me atravessavam em busca de algo que pudesse legitimar a minha existência transgênera naquele espaço, a prova foi entregue conforme o nome que constava na lista de chamada. E assim mais uma vez, fui exposto, e deslegitimado, chamado por um nome que não me representava, provocando em mim lembranças de uma série de constrangimentos que havia passado anteriormente em relação ao desrespeito ao meu nome social, de cabeça baixa peguei a prova na mão da coordenadora que me olhava assustada e sentei em silencio pedindo para nunca ter estado ali. Fui um dos primeiros a terminar a prova, entreguei e sai da sala rapidamente. Foi assim que consegui concluir a primeira etapa naquela manhã, e fiquei aguardando a segunda fase do processo seletivo que aconteceria no turno oposto a prova: a entrevista.

Me apresentei na creche no período da tarde para a realização da entrevista, dessa vez realizada pelas duas coordenadoras pedagógicas da instituição, fui o quarto candidato a ser entrevistado. Lembro-me da coordenadora mais jovem sair da sala para me cumprimentar e sinalizar que eu seria o próximo. Ela disse sorrindo: Boa tarde, até quem fim um homem, geralmente só temos candidatas mulheres na entrevista, fiquei feliz em ter um homem candidato. Você será o próximo, boa sorte!

Eu apenas acenei com a cabeça concordando com ela, e por um momento uma chama de esperança se acendeu em meio a todo aquele desconforto, pensei: pode dar certo Bruno, ao menos ela reconheceu sua identidade de gênero, te tratando no masculino.

Não demorou muito, e fui chamado pelo nome que constava na prova, paralisei por um segundo, mas mesmo nervoso, respirei e adentrei a sala. Dei boa tarde, sentei na cadeira e enquanto elas me olhavam espantadas fui logo explicando que era um homem trans, e que meu nome social era Bruno, e que elas deveriam me tratar dessa forma durante a entrevista. Precisei dar uma aula sobre como funcionava o processo de nome social e o que ele significava para pessoas trans e travestis, mostrando a portaria de nome social da Universidade Federal da

[6] Binder é uma de faixa ou colete utilizada por homens trans tendo como função de comprimir e esconder as mamas.

Bahia(UFBA) e pontuando que já tinha dado entrada no processo de pedido de adoção de nome social na UEFS, e que a implementação já estava em discussão na instituição.

A coordenadora mais jovem super entendeu e em todo processo da entrevista me respeitou e procurou ser o mais gentil possível, ao contrário da mais velha que quase não me dirigiu a palavra. Ao final da entrevista, fui elogiado pela coordenadora mais nova, dizendo que eu tinha feito uma ótima entrevista e uma excelente prova e que eu tinha grandes chances de ser um dos candidatos selecionados. Agradeci, e quando me virei para ir embora, ela me chamou, dizendo: bruno, desculpa minha curiosidade, mas posso te perguntar uma coisa?

Respondi que sim, perguntando em que podia ajudar.

Foi ai que ela timidamente perguntou: qual banheiro você usa? masculino ou feminino?

Não fiquei sem graça, porque essa infelizmente é uma pergunta feita com muita freqüência para pessoas trans, apenas respondi afirmando que usava o banheiro masculino.

Percebam no meu relato o quanto é problemático pra pessoas trans acessarem espaços básicos de convivência social (espaços públicos de educação, saúde e mercado de trabalho) sem serem questionadas e desrespeitadas de alguma forma. Mais uma vez compartilho do pensamento de Viviane Vergueiro (2015) para podermos pensar sobre a utilização precária do nome social de pessoas trans em âmbitos institucionais, a exemplo de universidades e *Cistemas* de saúde que ainda não tem instrumentos que garantam o exercício de terem esse direito garantido, ou seja, de serem chamadas pelos nomes que se auto-identificam. Indicando que ainda existe um grande caminho a ser percorrido para que direitos mínimos como esses de fato sejam garantidos.

Em que momento da vida pessoas cisgêneras, foram questionadas sobre o nome pelo qual se identificam ou sobre o tipo de banheiro que utilizam? Quando pessoas cisgêneras precisaram criar estratégias para poder fazer suas necessidades fisiológicas por terem medo de ser estupradas ou até mortas?

Ainda estamos lutamos por direitos básicos, como o direito ao uso do nome em que nós reconhecemos, e o direito a utilizar o banheiro de acordo com nossa

identidade de gênero sem sermos impedidos, violentados e mortos. Finalmente depois de tantos tensionamentos e desgastes, no dia 23 de Março de 2015, o CONSEPE no uso de suas atribuições resolve em seu artigo 1º:

> Assegurar aos estudantes, servidores técnicos e docentes da UEFS, cujo **nome oficial** não reflita adequadamente sua identidade de gênero, a inclusão nos registros acadêmicos do seu **nome social**, nos termos desta Resolução.

A aprovação da resolução CONSEP 015/2015(ver anexo B) foi recebida por mim e por parte da comunidade acadêmica como uma vitória, mesmo sabendo que o nome social cumpria uma função paliativa, pois garantiria o uso do nome para pessoas trans e travestis apenas dentro da instituição de ensino UEFS, já era um grande passo a ser comemorado dentro deum espaço de poder historicamente reconhecido como hegemônico.

Um pouco mais de três meses se passaram e no dia 27 de julho de 2015 recebi uma ligação da Coordenação de Assuntos Estudantis (CODAE) informando que tinha sido selecionado para uma das vagas da bolsa acadêmica na CRECHE-UEFS e que teria que me apresentar para assinar o contrato da bolsa acadêmica e começar o estágio. Um misto de felicidade e tristeza tomou conta de mim, feliz por que finalmente iria vivenciar a experiência de estágio na educação infantil e receberia a bolsa que poderia me dar condições ainda que mínimas para dividir um aluguel, e aparte ruim, estava no medo de não saber se de fato seria respeitado e acolhido e teria direitos básicos como o nome social e o uso do banheiro de acordo com a minha identidade naquele espaço de trabalho garantidos. Passei a noite refletindo, e nesses altos e baixos decidi que não iria me apresentar, já tinha perdido toda a minha autoestima e não conseguia ter esperanças de que as coisas pudessem melhorar, me sentia inferior e incapaz de assumir aquela vaga por ser um cara trans. Em umas das conversas com minha companheira, ela me fez acreditar que aquele espaço deveria sim ser ocupado por mim, que a minha existência poderia transformar aquele lugar em um lugar melhor, que a minha convivência com aquelas pessoas poderiam ajudá-las a desconstruir seus pré-conceitos e adquirir conhecimentos para aprender a lidar com as diversidades. De fato a minha namorada estava certa, eu precisava existir naquele espaço formativo, e além disso seria a minha primeira experiência concreta na educação infantil, eu tinha escolhido o curso de licenciatura justamente por ter o sonho de ser professor, meu papel era

contribuir na formação humana daquelas crianças por meio da Educação Física. Conviver com um professor trans enriqueceria não só o processo de formação sociocultural delas, mas permitiria que a CRECHE ampliasse seu pensamento sobre o papel da escola e seus vínculos com as Culturas, afinal “compartilho o entendimento da escola como um lugar de culturas, um lugar das culturas, e um lugar entre culturas. Exploremos essas três dimensões, indissociáveis, para com elas pensar desdobramentos para o ensino de Educação Física” (VAGO, 2009, p.26). Assim como o Autor, eu também vejo na Educação Física uma oportunidade para poder pensar novos desdobramentos sobre diversidade corporal e identidade de gênero dentro da Educação Infantil. Fui me animando e no dia seguinte me apresentei na CODAE, assinei os papeis e segui rumo a creche.

Nos primeiros dias de estágio na CRECHE-UEFS me senti deslocado, mas por ser comunicativo, logo fui me enturmando, fazendo amizades, me adaptando. Precisei ser militante ali dentro, passei a sensibilizar aquelas pessoas para que aprendessem a lidar com o diferente. Naquele espaço de Educação Infantil não se sabiam o que era Transgeneridade, quem eram homens e mulheres Trans e travestis, então passei a dialogar e levar textos bem didáticos sobre identidade de gênero, com conceitos básicos muitos deles escritos por mim, como uma forma de me fazer conhecer por aquelas pessoas, era preciso conhecer para compreender, ainda mais dentro de um espaço de formação onde impera as imposições sociais. A medida em que tempo foi passando aquelas pessoas aos poucos começaram a compreender sobre diversidade, começaram a reconhecer o meu trabalho como professor de Educação Física, notaram que a minha identidade de gênero não fazia de mim menos capaz, pelo contrário percebiam o quanto eu era competente e dedicado enquanto professor. Para Marsiglia (2001, p.36) “O educador como um parceiro mais experiente, é aquele que faz a mediação da criança com o mundo de forma intencional, buscando as máximas possibilidades de desenvolvimento do indivíduo”.

Enquanto professor procurei desenvolver o meu trabalho pedagógico com as crianças de forma intencional, trabalhando todas as suas potencialidades através dos elementos da cultura corporal no campo da Educação Física, e sobretudo pautando a “intervenção pedagógica no sentido de compreender a criança como um sujeito histórico, localizado culturalmente” (SILVA, 2005, p.128).Nesse percurso fui

me realizando como profissional, cada dia experimentava uma experiência nova com as crianças, e ao passo que me desafiava, me auto-avaliava naquele processo de ensino- aprendizagem. Precisei criar estratégias metodológicas para aprender a lidar com a diversidade e pluralidade dos meus alunos. Convive com crianças muito tímidas, que tinham dificuldade de se expressar e participar de algumas atividades propostas nas aulas de Educação Física, precisei também aprender a criar formas de incluir um dos meus alunos autista dentro das atividades. Mostrando para as crianças que a prática da Educação Física não pode estar dividida ou classificada por gênero, nem reforçar qualquer tipo de preconceito. Nesse processo fui desconstruindo estereótipos de gênero e sexualidade incutidos nas crianças desde muito cedo. Busquei maneiras de motivar umas das alunas que se recusava a fazer as aulas de Educação Física, dizendo que meninas-princesas não podiam correr, nem pular para não suar. Isso mostra como as brincadeiras e brinquedos influenciam no processo de generificação dos corpos dentro da cultura infantil (WENETZ, 2013). Foi nesse contexto que passei a recontar as histórias infantis para as crianças mostrando que todos os personagens das histórias infantis, dentre eles as princesas também podiam brincar, pular, saltar, correr, e fazer aulas de Educação Física sem nenhum problema. Essa experiência foi construindo no imaginário dos meus alunos e principalmente da aluna em questão, uma infinidade de possibilidades corporais dentro das aulas de Educação Física independente de gênero. De fato a experiência docente na creche foi incrível e mesmo diante de tantos desafios, aprendemos juntos e nos reinventamos nesse processo inacabado que é o ato de ensinar.

Meu trabalho começou a ser reconhecido não só pela gestão da Creche, mas também pelas mães e pais dos alunos, aqueles que anteriormente me olhavam desconfiados e cochichavam pelos cantos: É HOMEM? É MULHER? Agora Passaram a me abordar para agradecer e elogiar o trabalho realizado com seus filhos. Por todos esses motivos que continuo afirmando que a creche foi um lugar de grandes trocas, afetos, tensionamentos, amizades e aprendizados mútuos, entre professores, gestores e estagiários. Lá aprendi a lidar com as adversidades, como a falta de professor formado para supervisionar as minhas práticas pedagógicas enquanto estagiário, fundamentadas na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 que diz no seu artigo 1º:

> Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho

> produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Mesmo diante da problemática de não ter um professor formado que pudesse me orientar no processo, me debrucei sobre conhecimentos adquiridos durante a formação docente em Educação Física, através dos estudos produzidos por autores como (MARSIGLIA, 2001; SILVA, 2005; VAGO, 2009; COLETIVO DE AUTORES, 1992)que foram necessários para que eu pudesse realizar as aulas na CRECHE com planejamento, competência e qualidade, cada experiência pedagógica me trouxe novos aprendizados, me fizeram refletir sobre a minha prática, subsidiando a construção de novas metodologias que facilitariam o meu fazer docente. Mesmo na presença desses altos e baixos consegui transformar os desafios educacionais em aprendizagem, superando todos os obstáculos que surgiram no processo. Ensinando Educação Física dentro de uma perspectiva transformadora, permitindo que as crianças se desenvolvessem a partir de elementos sócio-históricos, em diálogo com suas realidades, aprendendo valores. Tenho certeza que minha presença naquele espaço contribuiu de alguma forma para a formação daquela comunidade escolar que a partir da convivência com a minha singularidade, mesmo em meio a tantos conflitos foram sensibilizados sobre a importância de desconstruir pré-conceitos e aprender a respeitar as diferenças.

4. INFÂNCIA, CORPO, TRANSIÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando nascemos somos CORPO.
Sou corpo.
Nada em mim está definido.
Posso ser de todas formas.
De todos os jeitos.
Todo dia acordo e descubro uma coisa nova em mim.
Bruno Santana (2015)

Pensar sobre o corpo é pensar sobre o lugar que esse corpo ocupa na sociedade:

> Humanos têm corpos. Humanos são seus corpos. Humanos experimentam seus corpos. Humanos mobilizam seus corpos em suas práticas sociais. Quer isso dizer: o corpo é lugar da vida, de sua expressão, de suas alegrias, também de suas dores. Lugar de liberdade. Lugar de censura. Encontro do social e do singular. O corpo é forjado em presença de uma cultura. (VAGO, 2009, p.32).

Mas, quais corpos são legitimados, autorizados a existir, construir e ocupar os espaços e relações sociais nesta cultura? Quais são os corpos visíveis dentro das aulas de Educação Física?

Nasci na primavera, em 23 de novembro de 1988, as 09:45 da manhã, na cidade de Salvador, Bahia, onde passei a maior parte de minha infância. Fui designado mulher ao nascer por ter uma vagina, mas no decorrer da minha vida, das experiências e relações sociais que tive, fui construindo minha identidade gênero e me compreendendo como homem, entendo que o gênero é construído socialmente, essa construção é identitária e subjetiva. Partindo do entendimento de Lanz (2014, p.39):

> O gênero é uma construção social que varia intensamente de cultura para cultura e de época para época. Por definição, a nossa cultura, assim como toda a cultura ocidental, reconhece a existência de duas e apenas duas categorias de gênero: masculino e feminino ou homem e mulher.

Durante a infância percebi que era uma criança que se comportava de maneira diferente das outras, e tudo isso me parecia tão natural, embora os familiares e pessoas mais próximas sempre reclamassem do meu comportamento, da maneira

masculinizada, de minhas preferências por roupas ditas “masculinas”, sobre minhas preferências em relação aos brinquedos ditos de “menino”. Eu não sabia o que era gênero, eu não sabia o que era ser homem ou mulher, não me importava saber quem eu era, eu só queria enquanto criança, experimentar a vida, brincar, fazer amigos e ser feliz (Figura 04). Segundo Kennedy (2010) a maior parte das crianças trans, vivenciam e percebem no período escolar, que sua identidade de gênero é diferente das representadas, tendo suas infâncias marcadas pelo medo, ocultação, estigmatização, isolamento, dúvidas, e experiências que irão carregar consigo até a vida adulta.

Figura 04 - Bruno sendo moleque

Fonte: acervo pessoal

Por bastante tempo durante a fase escolar, vivenciei experiências de isolamento e exclusão dentro aulas de Educação Física, lembro-me durante às vezes em que fui impedido e outras em que recusei participar de certas atividades práticas que eram separadas por gênero no ensino fundamental. Nessas aulas meninas e meninos tinham que desempenhar papéis de acordo com seus gêneros, nesse caso especifico meninas jogavam baleado, 7 pedras, ou qualquer atividade

considerada mais leve, já os meninos ficavam com as atividades que exigiam mais força como o futebol, o basquete, futsal, entre outras.

Essa prática de controle dos corpos dentro das aulas de Educação Física acabavam reforçando estereótipos e performances de gênero ditas “masculinas” e “femininas”, segregando e até mesmo excluindo pessoas como eu, que de alguma forma não se encaixavam nessas exigências. Dornelles (2013) afirma que as aulas de Educação Física foram organizadas com base no sexo, elemento constitutivo no processo de normatização e regulação dos corpos de meninas e meninos dentro das aulas, reforçando estereótipos de gênero dentro desse componente curricular. Foi nesse contexto que a Educação Física Escolar se apresentou pra mim durante o período que frequentei a escola, e dentro dessa perspectiva excludente que ela continua produzindo essas desigualdades ao passo em que os professores ainda continuam reproduzindo discursos hegemônicos(machistas, misóginos, racistas, Lgbtfóbicos[7])em suas aulas, o que mostra o despreparo desses docentes para lidar com as diversidades corporais e identidades de gênero dentro das aulas, produzindo exclusões, silenciamentos e violências na vida e na formação humana desses estudantes.

Na fase da pré-adolescência, começo a me perceber diferente das outras meninas, minhas amizades eram sempre em sua maioria compostas por meninos, adorava jogar gude, brincar de bola e jogar pião, eu só brincava com as meninas quando as brincadeiras era coletivas, como pega-pega, esconde-esconde, sete pedrinhas, dentre outras. Que eram brincadeiras onde todo mundo gostava de brincar junto, eu adorava brincar na rua, e poder ser moleque, ficava feliz quando ouvia e recebia os “elogios” da vizinhança do tipo: “olha, lá vai o moleque macho”, “Maria João”, “você parece homem”, mesmo não compreendendo naquele tempo que esses elogios na verdade se tratavam de julgamentos e preconceitos de gênero. Segundo Butler (2001) esses discursos que constrangem e regulam os corpos, produzem e controlam, através das relações de poder, as diferenças entre os sexos. São esses discursos responsáveis por criar zonas de exclusão e sujeitos abjetos, ou seja, aqueles que não “encaixam” nessa norma, como é o caso das pessoas trans.

[7] Lgbtfobia refere-se a toda manifestação de ódio e violência as diversas identidades de compõem a comunidade LGBT, dentre elas estão as pessoas trans, travestis, lésbicas, gays, bissexuais e etc.

No ensino fundamental, começam a surgir os primeiros conflitos a respeito do gênero, eu me sabia menino, mesmo não sendo visto e tratado dessa forma, mas esses questionamentos passam a se intensificar no início da adolescência. Mesmo não tendo ainda a compreensão do que era Transgeneridade eu sabia que não queria ser menina. Sabia que precisava me encaixar em algo, e naquele momento dentro das possibilidades que eu tinha, do que conhecia, e pelo fato de me sentir atraído por garotas, acabei assumindo a identidade sexual de lésbica masculinizada, mas não estava satisfeito, não me sentia confortável sendo uma mulher lésbica. Uchôa (2014) explica que é muito frequente confundirem homens trans com lésbicas masculinizadas, e que se faz necessário entender a diferença para evitar constrangimentos, a categoria lésbica diz respeito a condição sexual de uma mulher que se atrai por outra e que pode gostar de vestir-se com roupas culturalmente atribuídas ao universo masculino, podendo demonstrar comportamentos e atitudes características deste universo, porém continuam sentindo-se mulheres, querendo ser vistas como tal, e reivindicando a identidade feminina, ao contrário dos Homens trans.

Somente aos 17 anos que decido ir além, e é através da internet que vou em busca de informações que possam me ajudar a compreender melhor minha identidade, foi pesquisando no Google, que me deparo com várias matérias sobre Transgeneridade, e dentre elas começo a ler sobre a história de vida de um homem trans ativista e ator pornô, chamado Buck Angel(Figura 05).

Passei horas deslumbrado com aquilo, nunca pensei que meu sonho de ser menino pudesse virar realidade, e pensava comigo: “se esse cara conseguiu, eu também posso.” A partir desse dia comecei a ter mais acesso aos conhecimentos sobre Transgeneridade, mas era muito cedo para qualquer tipo de mudança, o medo de ser rejeitado e de não ser compreendido, me limitava, não tinha coragem ainda de assumir isso, e por isso decidi guardar esse segredo comigo, continuar lendo a respeito, até quando pudesse ter independência suficiente para ser quem eu realmente era.

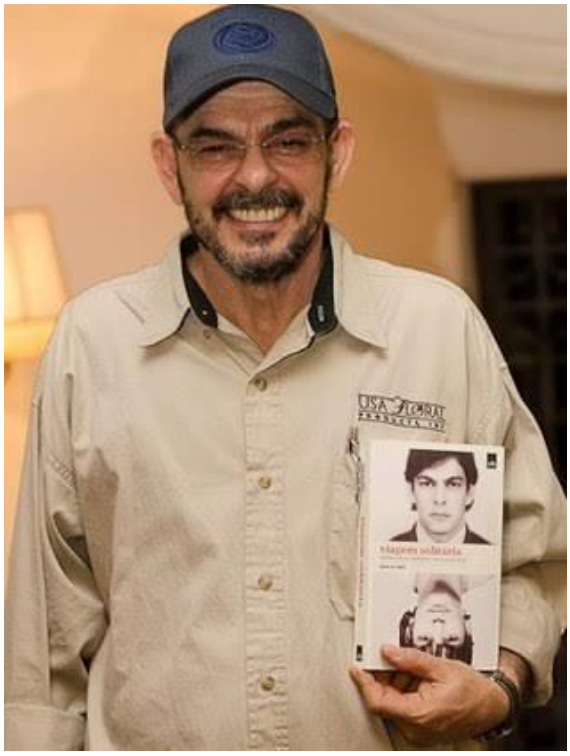
Figura 05 - Buck Angel - ensaio nu artístico

Fonte: Google Imagens

Anos mais tarde, acessando redes sociais conheci a história do primeiro homem trans operado do Brasil, João W. Nery (Figura 06), autor do livro Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois, que conta a transição e trajetória de vida dele, essas leituras me fortaleciam e despertavam em mim cada dia mais a necessidade de colocar pra fora tudo aquilo que eu era, mas que nunca pude viver, eu sabia que não estava sozinho.

Conheci o próprio João Nery através do Facebook, ele foi umas das primeiras pessoas que me ajudaram nesse processo de consciência de si, de aceitação, me encorajou e me apresentou uma rede de homens trans que passei a manter contato virtualmente, tirar dúvidas e trocar experiências, comecei a construir uma nova família. Ávila (2014) destaca a ampliação e utilização do uso de mídias digitais e das redes sociais por homens trans, para compartilhar e trocar coletivamente suas experiências de construção de identidade transmasculinas, contribuindo na visibilidade desses sujeitos.

Figura 06 - João W. Nery



Fonte: Facebook

Somente em 2014, depois de entrar para a universidade, é que tomo coragem e decido assumir minha identidade de gênero socialmente, não sabia ainda como lidar com essa nova experiência, quais seriam as perdas e os ganhos, como as pessoas ao meu redor iriam lidar com isso, mas estava convicto de que pagaria um preço alto para existir. Eu sabia que as dificuldades começariam a surgir quando eu decidisse começar com o uso de hormônios, de uma certa forma estar na universidade me ajudava e encorajava muito nesse processo, além do apoio da minha companheira e das pessoas trans amigas, essas redes de afeto e militância foram e são fundamentais na caminhada.

A primeira barreira na vida de uma pessoa trans ao transicionar é a família. Foi doloroso pra mim, entender que eu teria que romper com esse laço afetivo, a partir do momento em que percebi que o lugar onde eu deveria ser acolhido, foi o primeiro a me excluir. Com o uso dos hormônios e as aparentes mudanças corporais, ficou cada dia mais complicado conviver com minha família e a falta de compreensão e apoio me fariam sair de casa em algum momento, eu precisava me preparar para esse momento. Até hoje minha família não me entende e não me respeita como

homem. Mesmo com barba na cara, minha mãe nas poucas vezes que me vê, ainda me chama no feminino e age como se nada tivesse acontecido. Perdi muitos "amigos" também nesse processo. Pessoas que simplesmente deixaram de falar e conviver comigo por conta da minha transição. Como afirma Lanz (2014, p.242):

> [...] é no âmbito das relações familiares que foram disparadas as primeiras ações de violência, discriminação e estigmatização das pessoas Transgêneras, confirmando que a família é a primeira instância social de contenção, repressão e dissuasão da livre expressão da identidade de gênero.

Como disse ingressar na universidade, ter contato com o conhecimento cientifico me proporcionou olhar a realidade não pelo víeis do senso comum, mas de uma forma mais crítica e emancipatória, me fazendo ressignificar muita coisa. Nunca me imaginei adentrando o espaço acadêmico, por ser pobre, negro, e filho da classe trabalhadora, sai da escola pública com o pensamento voltado apenas para o mercado de trabalho, sem expectativas de ingressar no ensino superior. Durante o ensino médio, não encontrei na escola motivação suficiente que me fizesse ter desejo de entrar na universidade, eu só queria terminar o terceiro ano, para finalmente arrumar um emprego. Como afirma Mészáros (2005) a escola é o reflexo da sociedade na qual está inserida, e a escola capitalista tem como principais objetivos: preparar mão de obra para o mercado de trabalho, desenvolver métodos de controle político, garantindo os interesses do capital.

Pois bem, depois de passar 07 anos vendendo minha força de trabalho em empregos instáveis no comércio, decidi que precisava ingressar no ensino superior, pois acreditava que esse poderia ser o caminho que me ajudaria a ter uma carreira profissional no futuro.

Por não ter condições financeiras para pagar um curso preparatório, uma das estratégias que encontrei foi estudar em sites, como UOL Educação, Passei Direto, e vídeo aulas disponíveis no Youtube. Como afirma Kenski (2007, p. 47):

> Em relação à educação, as redes de comunicações trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação.

Assim, pude de forma autônoma, através do uso da internet, acessar novos conhecimentos que me ajudaram a ingressar na universidade.

Passei um semestre me dedicando aos estudos e, mesmo sem expectativas, participei do Processo Seletivo 2013.2 da UEFS, no qual fui aprovado no curso de Licenciatura em Educação Física. Aqui se inicia um ciclo de grandes mudanças e aprendizados na minha vida. Decidi cursar Educação Física por ter uma afinidade com o curso, por estar sempre envolvido com as lutas e o esporte.

Meu corpo já vivenciou uma série de experiências que marcaram toda a minha subjetividade, começando na infância com o balé praticado ainda na Educação Infantil, do qual não me recordo muito bem. Já a capoeira, o karatê e o *kickboxing* pratiquei durante toda a adolescência, e desses me recordo com muita saudade. Sobre memórias e esquecimentos Izquierdo (2002, p.9) afirma que “O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, mas também nos permitem projetar rumo ao futuro: isto é, nos dizem quem poderemos ser”. Hoje tenho a clareza de que não fui apenas eu que escolhi a Educação Física, mas ela também me escolheu.

Figura 07 - Turma de Licenciatura em Educação Física da UEFS, 2013.2

Fonte: Acervo pessoal

Dentro desse contexto da vivência universitária, como disse anteriormente, vou construindo e reafirmando minha identidade como homem trans, passando por todo esse processo de transição: nele vivencio e experimento de forma mais concreta as

transformações corporais proporcionadas pelo uso da Testosterona e pela Mamoplastia Masculinizadora[8]. Lima (2014, p. 123) acrescenta que:

> [...] os hormônios, de uma maneira geral, destacam-se, pela capacidade de produzir discursos e práticas, revelando um mecanismo potente de controle dos corpos e sexualidades. Esta dimensão tem sido experienciada pelos homens transexuais, revelando desde transformações físicas até processos subjetivos.

Tudo isso tem repercussão na minha vida acadêmica. Eu não fazia ideia do que estava por vir; não sabia que a maior dificuldade não era ter acesso à Universidade, e sim permanecer nela. A cada semestre vou aprendendo mais sobre mim e sobre meu corpo, as sensações, mudanças físicas vão ficando cada vez mais aparentes, vou aprendendo a lidar com as novas descobertas, acompanhando de perto, a transformação do menino em homem.

Diante de todas as lutas que tive de travar para continuar existindo dentro dela, consigo olhar para todo esse percurso acadêmico com tanto orgulho e afeto, reconhecendo sua importância não só no meu processo de formação acadêmica e política, mas também de transição, na compreensão sobre a minha Transgeneridade, de me reconhecer enquanto sujeito, homem, discente, e futuro docente, e saber que minha existência dentro da universidade marca não só a minha vida, mas de todos aqueles que convivem comigo. Como afirma Jesus (2012, p. 11):

> Historicamente, a população transgênero ou trans é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade, decorrente da crença de que o “natural” é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual as pessoas se identificam e, portanto, espera-se que elas se comportem de acordo com o que se julga ser o “adequado” para esse ou aquele gênero.

Estar na universidade é uma forma de resistência; permanecer dentro dela, diante de todas as exclusões e marginalizações, é sinônimo de luta. Habitar e transitar pelos seus portões e muros é uma forma de dizer que existo e resisto ao *Cistema* opressor que legitima todas as exclusões e violências contra a população trans, e que minha luta diária é para que todas as pessoas trans e Travestis tenham suas identidades reconhecidas e respeitadas.

A minha militância no curso e também dentro da universidade vem no sentido de provocar esse movimento contrário: ir contra essas normatizações, colonizações,

[8] A Cirurgia plástica reconstrutiva que transforma a mama considerada feminina em mama considerada masculina é chamada de Mamoplastia Masculinizadora. (LITTLETON, 2016).

engessamentos, binarismos de gêneros, presentes na sociedade e refletidos dentro da universidade.

Acredito que minha presença se faz necessária, pois é a partir dela que algumas pessoas do curso passam a se questionar sobre o que é a Transgeneridade, nesse movimento de tensionar e provocar inquietações, recebi de um dos colegas do curso que escreve para o site BJJ GIRLS MAG, o convite para uma entrevista com o objetivo de discutir as relações de gênero no Jiu-jitsu[9]. Tenho visto que esses tensionamentos e provocações tem servido para fazer com que colegas de curso reflitam sobre a importância desse debate, e é nesse contexto que reivindico o lugar do corpo trans nas aulas de Educação Física, é pensando na materialização desse corpo que luto para que as aulas de Educação Física acolham e respeitem todos os corpos. Permitindo que cada um usufrua do seu corpo, da forma que desejar, sem padrões estéticos, tiranias de perfeição, ou ditaduras de índices corporais (VAGO, 2009).

É preciso construir (des)caminhos possíveis para superar e ressignificar a base excludente, racista, machista e eurocêntrica da Educação Física. Mattos (2010, p.15) traz fragmentos que mostram que durante seu surgimento no século XIX, sua finalidade era disciplinar e controlar os corpos:

> Aplicada nas escolas, adotava métodos ginásticos europeus de sistematização de ensino disciplinar e mecânico, com critérios rígidos oriundos das ciências biológicas. Tendo início no Brasil através de processos seletivos, classificatórios, discriminatórios e excludentes, a Educação Física Escolar desconsiderou, durante muito tempo, a idéia de corpo como revelador de atitudes e comportamentos pessoais e expressivos de especificidades culturais.

E é nesse movimento de superação e (des)construção que a Educação Física precisa acompanhar as mudanças históricas e culturais, pensar em outras possibilidades de corpos e existências dentro de suas práticas, estar atenta aos novos atores sociais, suas aulas devem ser sim, um espaço para problematizar as questões de gênero. Compartilho do pensamento de Schwengber (2013, p. 353) que defende que:

> As aulas de Educação Física podem incluir, entre seus conteúdos, a problematização de referências corporais e de gênero, procurando

[9] A entrevista encontra-se disponível em: http://bjjgirlsmag.com.br/2017/04/18/jiu-jitsu-e-as-questoes-de-genero-por-que-precisamos-falar-das-pessoas-trans/

> desmistificar preconceitos construídos culturalmente que muitas vezes acabam acirrando disputas e até excluindo os que não se enquadram em determinado “modelo”.

E é por meio deste conceito que quero dialogar com a Educação Física, contribuindo para a reflexão dos colegas e professores acerca do corpo trans, entendendo-o também de maneira legitima, evitando que cometam equívocos em suas práticas nas aulas de Educação Física.

4.1 QUANDO ME TORNEI NEGRO: INTERSECCIONALIDADES E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE RACIAL

Dentro da noite que me rodeia
Negra como um poço de lado a lado
Agradeço aos deuses que existem
Por minha alma indomável
Sob as garras cruéis das circunstâncias
Eu não tremo e nem me desespero
Sob os duros golpes do acaso
Minha cabeça sangra, mas continua erguida
Mais além deste lugar de lágrimas e ira
Jazem os horrores da sombra
Mas a ameaça dos anos,
Me encontra e me encontrará, sem medo.
Não importa quão estreito o portão
Quão repleta de castigo a sentença,
Eu sou o senhor do meu destino
Eu sou o capitão de minha alma.
Willian Ernest Henley (apud RIBEIRO, 2015)

Embora esse poema vitoriano escrito em 1875, seja de autoria do poeta inglês Willian Ernest Henley, Invictus como é intitulado, sob a interpretação de Nelson Mandela, líder sul-africano, conhecido pela luta contra o Apartheid[10] em seu país, inspirou e provocou em mim naquela manhã dentro da sala de cinema da biblioteca central da UEFS, sensações e percepções de uma identidade que até então, não tinha me permitido ter consciência. Foi nas palavras de Mandela, trazidas à tona no filme Invictus, e na aposta por uma pedagogia descolonizada da Professora Ivy Guedes, que me vi despido de uma falsa branquitude, fantasiada inconscientemente ou propositalmente durante todo aquele tempo.

[10] O Apartheid foi o regime de segregação racial ocorrido na África do sul no período de 1948 a1994 que retirava da população negra direitos políticos, sociais e econômicos.

Figura 08 - Ator Morgan Freeman, interpretando Nelson Mandela, no filme Invictus

Fonte: Youtube

Por ter a pele mais clara, era, e ainda sou lido como não-negro por muitas pessoas em muitos espaços, talvez por conta disso, nunca sofri na pele o peso do racismo, e por não ter consciência dessa negritude, estive em lugar de privilégio comparado as pessoas negras de pele mais escura. Vasculhando os registros de memória, recordo do dia em que fiz a minha primeira inscrição do processo seletivo para prova do Enem, fiquei bastante tempo olhando para o campo referente à etnia, mesmo tendo o cabelo crespo, apalavra “negro” nunca tinha sido uma possibilidade de identificação pra mim, logo, marquei a opção “pardo”, mesmo não sabendo de fato o que essa palavra significava. Por não me saber negro, eu seguiam e reconhecendo como não-negro, pois isso me deixava mais próximo daquilo que era esperado como modelo legitimado, nesse caso a “branquitude”.

Trago Munanga (2004)para pensar de que forma os processos de branqueamento que ocorreram no Brasil influenciaram na construção de uma identidade mestiça. Segundo o autor a ideologia criada pela elite brasileira no fim do século XIX a meados do século XX caracterizada pelo ideário de branqueamento é responsável pelo processo de divisão entre negros e mestiços e pela alienação do processo de suas identidades. Para o autor uma das características que permeiam o racismo brasileiro é a questão da ambiguidade:

> O mestiço brasileiro simboliza plenamente essa ambigüidade, cuja conseqüência na sua própria definição é fatal, no país onde ele é de início indefinido. Ele é “um e outro”, “o mesmo e o diferente”, “nenhum nem outro”, “ser e não ser”, “pertencer e não pertencer”. Essa indefinição social – evitada na ideologia racial norte-americana

> e no regime do apartheid -, conjugada com o ideário do branqueamento, dificulta tanto a sua identidade como mestiço quanto a sua opção da identidade negra. A sua opção fica hipoteticamente adiada, pois espera, um dia, ser “branco”, pela miscigenação e/ou ascensão social (MUNANGA, 2004, p. 140)

Assim, Munanga (2004) me permite compreender o motivo pelo qual tive dificuldades de me perceber negro durante todo esse tempo, por carregar ideologicamente e fenotipicamente essa ambigüidade mestiça que me colocava no lugar de me sentir não negro, mas também não branco. Somente anos mais tarde, dentro da universidade iria vivenciar experiências que me colocaria em contato com essa identidade negra. As propostas pedagógicas e audiovisuais trazidas pela professora Ivy Guedes nas aulas de Análise Sócio-antropológica da Educação Física, me mostravam possibilidades de poder vivenciar a experiência da minha negritude, ao passo que me fazia entender como era perverso os mecanismos de branqueamento responsáveis pela negação dessa identidade negra e os processos históricos racistas que culminaria na exclusão e marginalização dessa cultura na sociedade.

E de que forma tenho vivenciado e ressignificado essa negritude? Afinal, como salienta Souza (1983, p. 18) a experiência de ser negro é uma vivencia que passa pela negação e pelo resgate dessa identidade:

> Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundido em suas perspectivas, submetido a exigências, compelido a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Foi nas aulas e eventos promovidos pela referida professora tais como as oficinas de turbante, as apresentações artística no workshop Afro, as aulas sobre estética negra e ações afirmativas, ouvindo-a falar sobre a filosofia africana Ubuntu[11]que aprendi a resgatar a minha história e recriar as minhas potencialidades. Nesse componente curricular, aprendi também que mesmo diante de tantas desigualdades ainda é possível ressignificar e construir novas pontes e saberes necessários nesse processo de empoderamento e autoidentificação. Corroboro com o pensamento de Mattos (2010) que nos permite pensar sobre como a Educação

[11]Ubuntu é a filosofia africana pautada nas alianças e nos relacionamentos das pessoas, umas com as outras. Um conceito ético de humanidade e consciência entre indivíduos e comunidade, baseada na partilha, compaixão, respeito e empatia (LUZ, 2014).

Física em diálogo com a interculturalidade[12] pode contribuir na construção de uma educação que discuta a diversidade cultural e racial, que atue no enfrentamento ao racismo, e promova a transformação das relações raciais entre professores e alunos, detendo uma formação pautada no reconhecimento das diferenças. Ter uma professora negra, que discutia racismo, falava de representatividade e problematizava a realidade social numa perspectiva descolonizada, africana e interseccional[13] foi uma experiência formativa muito importante e necessária dentro da universidade. Diferente de outras disciplinas ofertadas no curso, das quais não me sentia e ainda não me sinto representado, pude ver nessa disciplina um terreno fértil onde poderia semear grandes colheitas. Dentre elas: a de me sentir fortalecido e confortável para poder experienciar meu processo de transição capilar e de gênero, as etapas de transitar pelo Blackpower, e as fronteiras e desafios de assumir uma identidade transmasculina e finalmente chegar ao que me tornei nesse caminhada, um homem trans negro e de dread características explicitas de negritude e insurgência catalizadoras de pré-julgamentos (figura 09). Destaco o quanto isso trouxe e ainda traz implicações nessa sociedade racista e transfóbica, que esses marcadores que carrego no meu corpo apontam historicamente para uma serie de problemáticas.

Para pensar sobre Transgeneridade e negritude compartilho o pensamento de Peçanha (2017, p.4) que expressa motivos pelos quais pessoas trans negras sofrem diferentes formas de rejeição e marginalização na sociedade:

> O corpo negro, apenas por ser negro, já é desconstruído de toda essa lógica normativa de corporeidade. É evidente que uma pessoa trans negra, mesmo que seja lida como cis pela sociedade, em relação a branca tem o corpo menos aceito, mais questionado e hostilizado. Porque é um corpo visto como ameaça.

Começo a vivenciar na pele a transfobia a partir do momento em que meu corpo é visto como transgressor, ao passo que as mudanças corporais trazidas pelo uso da testosterona ficam mais evidentes, e passo a ser lido pelo outro como

[12] Para Mattos (2010, p.133) “Interculturalidade compreende valores das diferentes culturas, cujo enfoque teórico se concentra na diferença cultural”.

[13]Segundo Pocahy (2013, p.70) “A interseccionalidade é uma prática-conceito feminista produzida na agonística deste campo preciso de luta, reivindicações e produção de saberes. A produtividade deste conceito é reconhecida por sua capacidade em articular distintas formas de dominação e posições de desigualdade, sejam elas produzidas pelos discursos generificadores, racializadores e\ou sexualizadores”.

homem, “automaticamente o peso do racismo cai sobre mim e saiu do lugar de vítima, consequentemente para o lugar de ameaça. “Comecei a ver que as pessoas na rua, principalmente as mulheres Cis ao notar minha presença sentiam-se ameaçadas e passavam a andar mais rápido, segurar suas bolsas, entrar em estabelecimentos, correr. São nesses momentos que consigo perceber que alcancei a tal da passabilidade cis, ou seja, passar despercebido, sem ter o gênero questionado pela sociedade.

Figura 09 - Etapas de transição capilar e de gênero

Fonte: acervo pessoal

Contudo até chegar nesse nível de passabilidade, tive diversas experiências conflituosas, e passei por muitos constrangimentos, em vários espaços dentro e fora da universidade, principalmente no início da minha transição.

Quando decidi que iria assumir a Transgeneridade publicamente, fui até o colegiado de Educação Física da UEFS a procura da professora Ivy, fazia um tempo que eu estava me preparando emocionalmente e psicologicamente para esse momento, mas só agora me sentia fortalecido para dar os primeiros passos. Estava ansioso, suando frio, com muito medo, mas ao mesmo tempo tinha quase certeza de que seria acolhido. Enquanto pedalava pelo campus da UEFS em direção ao colegiado, durante todo o percurso fui pensando em como seria a minha vida depois daquele dia, o que o corpo docente iria pensar sobre mim? Seria rejeitado e teria minha identidade de gênero negada naquele espaço pelos meus colegas? O curso

de licenciatura em Educação Física da UEFS estaria preparado para lidar com um aluno trans? Parei a bicicleta próximo ao auditório do modulo V, segui andando para o colegiado. Por sorte acabei avistando a professora Ivy indo em direção ao auditório, me parece que estava tendo algum evento neste dia, fui em sua direção sorrindo e disse: “Oi pró Ivy, tudo bem? Tem tempo para uma conversa rápida?” Ela retribuiu com um sorriso largo e me disse que podíamos conversar. Foi então que expliquei brevemente como eu estava angustiado por estar performando uma identidade que não me representava, que tinha refletido muito sobre quem eu era, e estava decidido a viver publicamente a minha identidade de gênero masculina. Ela me abraçou, perguntando de que forma eu gostaria de ser chamado. Fui dizendo enquanto a olhava nos olhos: “Meu nome social é Bruno Pró, desejo ser tratado no masculino.” Ela ficou em silêncio, como quem precisava de um segundo para registrar no HD externo uma informação valiosa e me chamando de Bruno disse que mesmo sendo tudo tão Novo, não era para eu me preocupar, que poderia contar com seu apoio nesse processo, nos despedimos e ela seguiu adentrando ao auditório.

Costumo dizer que a presença da professora Ivy na minha vida provocou rupturas não só em mim, mas em nós, ao passo que ela me afetava com sua forma de ser e estar no mundo, me empoderando e contribuindo na minha formação humana, eu também a afetava com a Transgeneridade. Uma espécie de afetação simultânea. Sabíamos que após aquela conversa não seriamos mais os mesmos. E de fato não fomos. Em meio a tantos atravessamentos, deslocamentos e rupturas, transicionamos juntos, passamos a desconstruir nossos pré-conceitos dialogando ainda mais dentro e fora das aulas, criamos parcerias para levar a discussão sobre as questões de identidade de gênero de forma interseccional em suas turmas de calouros, nos permitimos construir novas possibilidades de práticas e teorias emancipatórias que nos ajudam a ressignificar nossos olhares, relações e percepções, para somente assim conseguir transformar aqueles saberes ultrapassados, em práticas educacionais que somassem na luta pela inclusão e superação dessas opressões. Foi através dessas conexões que surgiram grandes parcerias e resultaram em relações de muito afeto e amizade que ultrapassaram os muros da universidade, a professora Ivy Guedes me acompanha até hoje em boa parte dos meus projetos, como professora, companheira de luta, amiga, orientadora.

Figura 10 – Eu e a professora Ivy na apresentação do meu projeto de pesquisa.

Fonte: Acervo Pessoal

5. EDUCAÇÃO FÍSICA E TRANSGENERIDADE: NOVOS OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE DIVERSIDADES CORPORAIS E IDENTIDADES DE GÊNERO

13h52min de uma segunda-feira demasiadamente nublada encontro-me sentado no chão frio do quarto, revisitando parte dos textos que tive e estou tendo acesso na graduação, meus olhos estão atentos em busca de conceitos e proposições que apontem caminhos para pensar outras concepções de corpo dentro da Educação Física. Mas, mesmo em meio a tantas teorias e tantas propostas pedagógicas transformadoras não encontrei nada que pudesse dialogar com os corpos e vivências trans. É a partir dessa lacuna que refletirei a seguir sobre a importância da apropriação dos debates de gênero na Educação Física para a promoção de uma nova perspectiva educacional menos violenta e mais inclusiva, tomarei com base momentos que vivenciei nas aulas e eventos dentro do espaço acadêmico, tendo como norte as minhas indagações: A formação docente que tem sido produzida no curso de licenciatura em Educação Física da UEFS abarca os corpos trans? Quais as concepções de corpo estão presentes no processo de formação desse curso? Como estes processos e relações acadêmicas, impactam no meu processo de formação humana e docente? Como a Educação Física pode aprender com a Transgeneridade a ter um novo olhar sobre o corpo?

Nesse meu processo formativo, muitos professores passaram pela minha existência, alguns, agregando saberes importante e marcando de forma positiva, outros, deixando marcas das quais quero esquecer. Em uma dessas aulas fatídicas de Saúde Coletiva, para ser mais preciso, em 15 de março de 2016, o professor começa a aula falando de gravidez e atividade física, ele traz conceitos e conhecimentos pertinentes levando em consideração apenas o corpo de pessoas Cisgênero. Peçanha(2015) destaca o corpo cisgênero (cis) como sendo o único corpo reconhecido culturalmente e socialmente, estabelecido como referência para todas as pessoas, utilizado como base corporal na construção dos corpos, dentro do modelo de corpo cisnormativo. Em uma de suas falas sobre gravidez o professor diz: “essa agora é só para as mulheres, até porque só mulher menstrua não é mesmo?” Em seguida eu levanto a mão e contesto sua fala dizendo: “não professor, menstruar e gestar não são exclusividades de mulheres cis, homens trans menstruam, podem

gestar se quiserem, pois possuem a possibilidade biológica que os permite engravidar, e, além disso, existem mulheres trans e travestis que não menstruam, nem gestam, tem pênis e não deixam de ser mulheres por isso". Peçanha (2015) afirma que a gravidez é caracterizada por um determinado tipo de corpo e sua função fisiológica, e é justamente por possuir essa condição que homens trans tem a possibilidade de poder engravidar caso desejem. Essa gravidez não os torna menos homens, visto que ser homem está relacionado com a sua identidade de gênero. A turma permaneceu em silencio por alguns instantes, lembro de alguns colegas me olhando espantados, como quem estivessem ouvindo tamanho absurdo, outros disfarçando o riso, e a desinformação. Naquele momento esperei que a minha contribuição de alguma forma, pudesse provocar uma auto-reflexão crítica sobre sua postura enquanto professor, queria fazer com que ele percebesse que meu corpo existia naquele espaço, que minha identidade de gênero era legitima e, portanto deveria ser pensada também como uma possibilidade de construção de conhecimento, ainda mais por se tratar de um curso de formação de professores, que estavam ali, para aprender sobre pedagogias e teorias do conhecimento que os capacitassem para lidar com humanos em formação, entendendo que a prática docente possibilitaria o contato com uma multiplicidade de corpos e diversidades. Mas o professor continuou sua aula, sem levar em consideração minhas colocações, seguiu, cometendo os mesmos equívocos, como se nada tivesse ocorrido. Ao final da aula, me dirigi a sua mesa, olhei dentro dos seus olhos e disse o quanto me sentia deslocado em suas aulas, o quanto as suas falas eram desrespeitosas e incoerentes, expus que era preciso atualizar seus conhecimentos, e entender que existiam novos atores sociais, dos quais ele como professor não poderia silenciar e invisibilizar. Disse o quanto era simples ter dito, que ele entendia a existência desses outros corpos, ou que estava disposto a conhecer para compreender e especificar que naquela aula em questão ele estaria apenas se referindo a homens e mulheres cisgêneros, mas como agentes transformadores e futuros professores precisaríamos ressignificar nossas linguagens e conhecimentos, incluir e respeitar a diversidade corporal e identidades de gênero nas aulas de Educação Física. Ele simplesmente deu risada e acenou com a cabeça sinalizando que tinha entendido. Trago Ramos e Devide (2013) que falam sobre a importância de debates que gerem reflexões críticas e conteúdos de ensino na Educação Física acerca das identidades de gênero, promovendo espaços acadêmicos de discussões, capazes de superar

discursos e práticas carregadas de preconceitos e discriminações motivados pela falta de conhecimento. Nada novo sob o sol, todas as aulas de saúde coletiva que tive após esse acontecimento, só reforçaram ainda mais a lacuna que existe na formação desse professor, que não se permitiu desconstruir e contribuir para uma nova forma de pensar o corpo dentro da Educação Física. Trago exemplos como o desse professor, não para culpabiliza-lo, entendendo que ele é apenas parte de um processo maior que precisamos combater, mas para chamar atenção para um problema que atravessa nossa formação docente, mostrando que essa formação produzida no curso de licenciatura em Educação Física da UEFS não abarca os corpos trans. E que as concepções de corpo presentes no processo de formação desse curso não contempla todos os corpos.

Contudo, minhas reflexões sobre a Transgeneridade e Educação Física não ficaram restritas ao ambiente da UEFS. Durante minhas buscas por bibliografias e metodologias para subsidiar as minhas narrativas sobre diversidades corporais e identidades de gênero no campo da Educação Física, me inscrevi para participar como cursista do II Treinamento em Metodologia de Pesquisa em Sexualidade, Gênero e Direitos humanos ministrado pelo Grupo de Pesquisa Enlace que ocorreu na Faculdade de educação (FACED) da UFBA em 2015. Em uma das mesas que discutia as relações de Gênero e Sexualidade na Educação Física escolar, questionei o lugar do corpo trans nas aulas de Educação Física, apontando os processos de violência e invisibilização desses corpos dentro dessa área de conhecimento que tem o corpo como objeto de estudo, perguntando de que forma a Educação Física tem contribuído para uma formação inclusiva que levasse em consideração essas diversidades corporais e identidades de gênero e pontuando a grande lacuna existente na formação dos professores que não tem conhecimento para discutir relações de gênero em suas aulas. A professora Priscila Gomes Dornelles agradeceu minha colocação dizendo o quanto era pertinente e que se colocaria a disposição para pensarmos juntos estratégias que pudessem contribuir de alguma forma para esse debate necessário dentro da Educação Física, enfatizando que levaria o debate para ser discutido dentro do grupo de pesquisa que fazia parte na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). No termino do evento a professora me presenteou com o livro, Educação Física e Gênero: Desafios Educacionais, do qual ela é uma das organizadoras e fez o convite para participar

das reuniões do seu grupo de pesquisa. Naquele momento fui mostrando em conversa com a Professora Dornelles que pode haver caminhos de diálogos entre a Educação e a Transgeneridade. Embora o livro traga concepções de corpo, gênero e sexualidade limitadas apenas numa perspectiva cisgênera, reconheço que seu conteúdo contribui para pensarmos sobre novos caminhos no campo da Educação Física, mostrando a necessidade de diálogos e reflexões além da proposta normativa, o que já é um grande avanço para nossa área, que diga-se de passagem ainda tem pouquíssimas produções sobre a temática.

Diante dessas limitações apontadas como barreiras que precisarão ser vencidas tanto pela instituição UEFS, quanto pelos docentes e discentes para que o processo de formação docente contemple as diferenças, será preciso ir além do conceito biologizante da Educação Física, superando conceitos binários e práticas conservadoras que historicamente foram e ainda são responsáveis por aprisionar e reprimir as minorias, é necessário e é urgente reformular nosso currículo equivocado que não pensou por exemplo, na dificuldade e constrangimento de pessoas trans frequentarem as aulas práticas de disciplinas como a de metodologia do ensino de Aquática nesse contexto. Como salienta Louro (2003, p.64):

> [...] o currículo, as disciplinas, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem, constituem-se em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de raça, de classe etc. e podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo.

Foi por conta dessa defasagem existente no currículo do curso de licenciatura em Educação Física da UEFS, que não me senti confortável para fazer as aulas práticas da disciplina na piscina, deixando de vivenciar experiências necessárias para o meu processo de formação enquanto estudante e futuro professor. Visto que o próprio regulamento da disciplina concebe uma única possibilidade de corpo que é o corpo cisgênero, logo homens cis obrigatoriamente devem usar sungas, e mulheres cis apenas maiô, o que já descarta a existência de outros corpos que não seguem essa regra, a exemplo de homens com vagina e mulheres de pênis, ou até mesmo outras formas vivenciar a feminilidade e masculinidades entre pessoas cisgêneras. Conseguem imaginar o quanto é constrangedor e violento para pessoas trans fazerem aulas práticas com trajes de banho que não condiz com sua identidade de gênero? Confesso que até me esforcei para tentar fazer uma primeira aula, mas foi tão violento e sem sentido pra mim, que passei a inventar desculpas

para não participar, até o dia que não aguentei mais e sinalizei ao professor da disciplina o quanto me sentia excluído por não poder estar participando da forma que eu gostaria. Mas ao invés de buscar estratégias de inclusão e dialogo, ou até mesmo promover o debate entre outros docentes em busca de soluções, ele apenas me liberou das aulas práticas, permitindo que as assistisse de fora da piscina. Experiências acadêmicas como essas, além de evidenciar a necessidade de reformulação do currículo, vão impactando no meu processo de formação docente no momento em que não dialogam com a minha realidade. É necessário que a instituição como um todo, que envolve, docentes, discentes e funcionários estejam abertos para buscar informações, libertando-se dos pré-conceitos e julgamentos. A Educação Física precisa ter sempre o olhar atento e acolhedor, uma escuta sensível para com as diferenças. Podemos incluir em nossos conteúdos a problematização de referências corporais e de gênero, que não reforcem os preconceitos construídos culturalmente, e que excluem quem não se encaixam nos modelos determinados socialmente. Precisamos construir dentro da perspectiva que Miskolci (2012) chama de “Um aprendizado pelas diferenças”, no qual a educação seja apresentada dentro de uma perspectiva não normalizadora, atividades que dialoguem com as experiências subalternas, invisibilizadas, violentadas, passem a ser incorporadas de forma a modificar tanto educandos quanto educadores, buscando estabelecer simetrias para um aprendizado relacional e transformador de ambos.

Nessa perspectiva proponho que a Educação Física busque criar estratégias para se apropriar dos debates de gênero e diversidade corporal pensando de forma interseccional, sendo multiplicadores, proporcionando ações e reflexões não só sobre “desigualdades de gênero, mas também de raça, etnia, orientação sexual, geração, classe social, habilidade física presentes no universo cultural dos sujeitos que a vivenciam” (GOELLNER, 2013, p.40). Ampliando assim, as concepções de corpo, construindo novos (des)caminhos e propostas pedagógicas capazes de incluir todas as pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por uma vida transgressoraque nos permita transcender as possibilidades
E simplesmente Ser....pluri...multi...inter... diverso...Vivo.
Sem amarras, enquadramentos, definições, segregações
em nossas complexidades e singularidades.
Não a opressão do não encaixe ou do se encaixe.
Tire o rótulo da minha foda, da minha cara,
da minha roupa, da minha voz, do meu prazer.
Minha identidade é isso tudo e um pouco mais...
sou igual/sou diferentehomem/mulher/trava/bicha/sapata/
sou indefinidx/ sou gente...
Tito Carvalhal (2017)

08 de julho de 2017

Escrevo para afrontar o mundo, para tecer possibilidades de reencontros e resistências. Grito através das palavras, para mostrar que existo, resisto, transpasso, transbordo. Estou certo de que é preciso perturbar os sentidos desse *Cistema* capitalista responsável por todos os extermínios e desumanizações dentro desta sociedade, destruí-lo até que acabe todo e qualquer tipo de exploração do homem pelo homem.

Essa escrita nasceu da subalternidade, se construiu nos guetos, nas vielas e ruas esquecidas, onde as minorias criam suas redes de afeto e acolhimento. É aqui, em meio aos cansaços, dores, lutas e histórias de amor que nasce essa escrita subversiva. Que ao subverter cria mundos, pontes e infinitas possibilidades transgressoras e emancipadoras. Essa escrita vem para abrir portas e janelas para que outras possam entrar, abrindo caminhos para os saberes produzidos pelos subalternos, reconhecendo sua potência como geradora de conhecimento.

Em meio a tantas disciplinas tóxicas, estou vivenciando nesse semestre a alegria de um novo encontro, encontro com uma disciplina optativa recém chegada chamada: Corpo, e mediações interculturais: Currículo escolar e a Lei 10639/03que possui a perspectiva descolonizada de pensar metodologias para trabalhar as diferenças culturais dentro da escola, e que tem sido um destes (des)caminhos possíveis, na promoção do diálogo entre a Educação Física e outras formas de existências, incluindo a Transgeneridade, onde estou podendo inserir o debate de gênero na Educação Física. Em cada aula, vivenciamos uma proposição nova que

se materializa nos momentos em que transformamos o nosso corpo em um só, fazendo dele uma ferramenta pedagógica para alcançar o “outro”. A disciplina:

> [...] atravessa os modos dominantes de conhecimento com outros modos historicamente produzidos como subalternos. Esses atravessamentos, cruzos, cruzamentos provocariam os efeitos mobilizadores para a emergência de processos educativos comprometidos com a diversidade de conhecimentos e com o combate as injustiças cognitivas/sociais”. (RUFINO, 2015, p.11)

Nesse movimento aprendemos a acreditar na potência da coletividade, no dever de lutar por uma educação transformadora comprometida com o outro. Estou reaprendendo nas aulas a dar novos passos, acessar novas linguagens, culturas e utilizar novos códigos, ao passo que criamos novas metodologias, entendemos que é possível alcançar os mais distantes. Pois compartilhamos do mesmo pensamento que Jimena Furlani (2008, p.69) entendendo que o principal papel da educação:

> [...] é, primeiramente desestabilizar as ‘verdades únicas’, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade e do gênero ‘normal’, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção; E depois apresentar as várias possibilidades sexuais e de gênero presentes no social, nas culturas e na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos a existência das pessoas.”

Por todos esses motivos, que essa tem sido uma disciplina revolucionaria dentro do curso, sou grato pelas quintas-feiras em que nos convida a refletir e reconstruir nossos lugares, nossas forças, criar estratégias de luta e de fortalecimento, fazer deslocamentos, para poder ressignificar nossos olhares e trabalhar com outras práticas educacionais dentro da Educação Física.

Durante esse percurso de escrita de mim, em diálogo com outras formas de produção de conhecimento(bibliografias trans e saberes não acadêmicos), busquei mostrar a emergência do diálogo entre a Educação Física e outras existências corporais, trazendo como exemplo a minha vivencia enquanto homem trans dentro do curso de licenciatura em Educação Física da UEFS, apontando também outras possibilidades de pensar as corporalidades que são múltiplas e plurais, e que isso inclui não somente o corpo das pessoas trans, mas todos os corpos possíveis para além da cisgêneridade. É possível pensar uma Educação Física de “trans pra frente”, de forma intersecssional, em conexão também com o corpo negro, gordo, intersex, indígena, não-binário. E tantas ... tantas... tantas outras possibilidades de ser corpo. Essa narrativa subversiva mostrou que em muitos momentos as aulas de

Educação Física tornaram-se um espaço de exclusão e invizibilização não só da minha existência, mas de todas as outras identidades de gênero e sexualidades dissidentes. Assim, me vejo imerso dentro de um curso que tem o corpo como objeto de estudo, apesar disso, o meu corpo trans não foi e não tem sido problematizado, nem visto como possibilidade de existência dentro de suas teorias e práticas. O que mostra que é preciso ter novos olhares e perspectivas sobre diversidades corporais e identidades de gênero.

Contudo, pode haver caminhos possíveis entre a Educação Física e os estudos de gênero que podem servir de pontes para que docentes e discentes possam construir formas de combate a essas desigualdades em suas aulas, desconstruindo e ampliando sua concepção de corpo e gênero, contribuindo para que a Educação Física não seja mais um espaço de exclusão e silenciamento desses corpos, e sim, um terreno fértil de promoção e multiplicação de uma nova perspectiva educacional menos violenta e mais inclusiva para todas as pessoas.

A narrativa crítica apresentada aqui é inacabada, assim como aminha busca pelo conhecimento. Estamos longe de um ponto final, nosso trabalho está apenas começando. Conto com vocês.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 8, n. 1, p.229-236, jan. 2000.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades:** A emergência de novas identidades. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Lei sobre o estágio de estudantes**. Brasília.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

DORNELLES, Priscila Gomes. Gênero e sexualidade na Educação Física escolar: notas sobre a normalização dos corpos no interior baiano. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 215-238.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 66-81.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-44.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In: HALBWANS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. p. 25-47. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/maurice-halbwachs-a-memoria-coletivapdf.html>. Acesso em: 13 set. 2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, vol. 22, n. 2, jul/dez, p.15-46, 1997.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. 2. ed. Brasília: E-book, 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br>. Acesso em: 23 set. 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** Lisboa: EDUCA. 2002.

KENNEDY, Natacha. Crianças Transgênero: mais do que um desafio teórico. **Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências da UFRN,** Rio Grande do Norte, v. 11, n. 2, p.21-40, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias também servem para fazer educação. In: KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias:** O novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007. Cap. 3. p. 43-62. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr;=&id=ncTG4el0Sk0C&oi=fnd&pg=PA15&dq=midias+digitais+e+educação&ots=px88BNzUlx&sig=Au16DBBhkqQoWTvoLLAraH78IH4#v=onepage&q=midias digitais e educação&f=false>. Acesso em: 01 out. 2016.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa:** a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LIMA, Fátima. **Corpos, Gêneros, Sexualidades:** Políticas de Subjetivação. Porto Alegre: Rede Unida, 2014.

LITTLETON, Marcio. **Compressão mamária em pessoas FTM.** 2016. Disponível em: <http://www.marciolittleton.com/single-post/2016/03/05/Compressão-Mamária-em-Pessoas-FTM>. Acesso em: 01 out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópoles: Vozes, 2003.

LUZ, Natalia da. **Ubuntu:** a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. 2014. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>. Acesso em: 01 jul. 2017.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. Considerações sobre o desenvolvimento infantil. In:_____ **A prática pedagógica histórico-crítica na educação infantil e ensino fundamental**. Campinas: Autores associados, 2001. p.35-59

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **Estética Afirmativa:** corpo negro e educação física. Salvador: Eduneb, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** um aprendizado pela diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Disponível em: <http://docs11.minhateca.com.br/861430711,BR,0,0,[Livro]-Richard-Miskolci---Teoria-Queer.-Um-aprendizado-pelas-diferenças.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Redescutindo a mestiçagem no Brasil:** Identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro. Os homens transexuais brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade. In: JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. p. 87-105.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ressignificar e empoderar o corpo: Homem trans grávido e os desafios da adequeção. In: Seminário Internacional Desfazendo o Gênero, 2., 2015, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2015. p. 1 - 5.

PEÇANHA, Leonardo. **Sobre cabelo, transição capilar e marcadores de negritude:** um olhar transmasculino negro. 2017. Disponível em: <http://negrosblogueiros.com.br/author/leonardombpecanha/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

POCAY, Fernando. Interseccionalidade: uma prática – teorização feminista possível na “era pós-gênero”? In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 69-87.

RAMOS, Michele Rodrigues Ferraz Ramos; DEVIDES, Fabiano Pries. O discurso docente sobre a relação entre conteúdos de ensino e identidades de gênero. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 168-192.

RIBEIRO, Nara Rúbia. **Invictus:** o poema que inspirou Nelson Mandela em seus 27 anos de prisão. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/invictus-o-poema-que-inspirou-nelson-mandela-em-seus-27-anos-de-de-prisao/#gs.Fk=ImJc>. Acesso em: 01 jul. 2017.

RITT, Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira; COSTA, Marli Marlene da. **Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero**. 2008. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero> Acesso em: 25 set. 2015.

RUFINO, Luiz. Exu e a pedagogia das encruzilhadas: sobre conhecimentos educações e pós-colonialismo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, 8., 2015, Rio de Janeiro. **Anais.** Rio de Janeiro: Uerj, 2015. p. 1-12.

SANTOS, Héllen Thaís dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação. In: Congresso Nacional de Formação de Professores, 2., 2014, São Paulo. **Anais.** São Paulo: Unesp, 2014. p. 4094 - 4106.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Os percursos da educação generificada dos corpos: relações entre escola e mídia. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). **Educação Física e gênero:** desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013, p. 337-356.

SILVA, Eduardo Jorge Souza da. **A educação física como componente curricular na educação infantil:** elementos para uma proposta de ensino. Revista Brasileira Ciência do Esporte, Campinas, v.26, n.3, 2005, p.127-142.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. **Memória e formação de professores.** Salvador: Edufba, 2007. p. 58-74.

TOURINHO, Julia Gama. A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade. IGT na rede, Rio de Janeiro, v.3, n.5, 2006.

UCHÔA, Luiz Fernando. **Fora da Caixa:** Homens trans não são lésbicas masculinizadas. 2014. Editada por Neto Lucon. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2014/06/fora-da-caixa-homens-trans-nao-sao.html>. Acesso em: 01 out. 2016.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE,** Curitiba, v. 11, n. 6, p.25-42, set. 2009.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WENETZ, Ileana. Bonecas e barbies no contexto escolar: feminilidades em pauta? In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero**: Desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 193-214.

ANEXO A

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874/86 de 19/12/86

Feira de Santana, 27 de novembro de 2014

Ao Colegiado do curso de Educação Física

Eu, **Bruno Santana**, aluno do curso de Educação Física, CPF 000000000-00, matrícula 13221123, venho através deste expor e pedir o seguinte:

1. Sou aluno transexual. Em meu registro de nascimento consta outro nome que remete automaticamente a identidade de gênero feminina, divergente do gênero que exerço socialmente.

2. Essa disparidade entre o meu gênero masculino e o nome de registro feminino gera inúmeras situações de desconforto, humilhação, preconceito, que me atingem diretamente e tornam a convivência no espaço público cada vez mais difícil.

3. Adotei o nome de “Bruno”, que é o meu nome social. Nome social é o modo como a pessoa se auto identifica e é reconhecida, identificada e denominada na sua comunidade e no meio social, na medida em que seu nome oficial não reflita sua identidade de gênero ou lhe envolva em potenciais constrangimentos.

4. A utilização do nome social não implica em qualquer tarefa administrativa, tampouco gera ônus financeiro para a universidade. Ao contrário, honra os princípios democráticos e inclusivos que regem a instituição, dependendo apenas do bom senso e solidariedade deste corpo docente, que, diga-se, já tem demonstrado compreensão com relação ao tema.

5. Diante do exposto, solicito a este Colegiado que oriente as/os professoras/es, bem como funcionárias(os) a me tratarem pelo meu nome social, Bruno Santana, de modo a evitar constrangimentos e situações de humilhação desnecessárias.

Atenciosamente,

Bruno Santana

ANEXO B

RESOLUÇÃO CONSEPE Nº 015/2015

Dispõe sobre o tratamento nominal das pessoas transexuais e travestis na Universidade Estadual de Feira de Santana e dá providências correlatas.

O Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana, no uso de suas atribuições e,

CONSIDERANDO os arts. 3º, inciso IV, e 5º, *caput* e inciso XLI, da Constituição Federal de 1988, que dispõem que todos são iguais perante a lei, sem distinção ou discriminação de qualquer natureza;

CONSIDERANDO os arts. 205 e 206, inciso I, da Constituição Federal de 1988, que garantem a educação como direito de todos, em igualdade de condições de acesso e permanência;

CONSIDERANDO o art. 3º, inciso IV, da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que estabelece que o ensino será ministrado com respeito à liberdade e apreço à tolerância;

CONSIDERANDO a necessidade de garantir o ingresso, a permanência e o sucesso de todos no processo de escolarização, em respeito aos direitos humanos, à pluralidade e à dignidade humana;

CONSIDERANDO a resolução 120/2013 do Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia,

CONSIDERANDO a resolução 12/2015 do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais; e

RESOLVE:

Artigo 1º - Assegurar aos estudantes, servidores técnicos e docentes da UEFS, cujo **nome oficial** não reflita adequadamente sua identidade de gênero, a inclusão nos registros acadêmicos do seu **nome social**, nos termos desta Resolução.

Parágrafo Único - Nome social é o modo como a pessoa se auto-identifica e é reconhecida, identificada e denominada na sua comunidade e no meio social, na medida em que seu nome oficial não reflita sua identidade de gênero ou lhe implique potenciais constrangimentos.

Artigo 2º - A pessoa que se enquadrar na situação prevista no *caput* do art. 1º poderá solicitar a inclusão ou a retirada do nome social a qualquer tempo durante a manutenção do seu vínculo ativo com a UEFS.

Parágrafo Único - O procedimento de inclusão do nome social deve ser feito com o devido respeito à privacidade da pessoa requerente, assegurando o pleno direito ao princípio da dignidade humana.

Artigo 3º - O nome social será o único exibido em todos os documentos de uso interno, tendo em vista o respeito à privacidade e à autoidentificação da pessoa requerente.

Parágrafo Único - Garante-se à pessoa o direito de sempre ser chamada oralmente pelo nome social, sem menção ao nome civil, inclusive na frequência de classe e em solenidades como colação de grau, defesa de tese, dissertação ou monografia, entrega de documentos e eventos congêneres.

Artigo 4º - Garantir à pessoa o direito à utilização de espaços segregados por gênero, como toaletes e vestiários, de acordo com sua identidade de gênero autodeterminada.

Artigo 5º - Histórico escolar, certificados, certidões, diploma de conclusão e atas e demais documentos oficiais relativos à conclusão do curso e colação de grau serão emitidos e assinados apenas com o nome oficial.

Artigo 6º - Os casos omissos serão decididos pela Pró-Reitoria competente.

Artigo 7º - Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala de Reuniões dos Conselhos Superiores, 23 de março de 2015

José Carlos Barreto de Santana

Reitor e Presidente do CONSEPE